



Departamento de Sociologia

Jovens no mercado de trabalho -  
O caso de um bairro social

Alexandre Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Planeamento e Avaliação de Processos de Desenvolvimento

Orientador:  
Doutor Fernando Luís Machado, Professor Auxiliar  
ISCTE-IUL

Junho, 2009

## Resumo

Os percursos dos jovens em **transição para a vida adulta** envolvem vários processos sociais em diferentes combinações. A escola, a família e o mercado trabalho são algumas dimensões em que essa transição é construída.

Neste trabalho estudámos o caso dos **jovens** residentes num bairro social e procurámos identificar os processos através dos quais se integram no **mercado de trabalho**. Para este efeito comparámos a sua situação com a dos jovens portugueses em geral e com os adultos do mesmo bairro e reconstituímos os percursos de um conjunto de entrevistados. Os resultados mostram combinações de factores que, na maioria dos casos, reforçam a **reprodução social das desigualdades**, pela transmissão intergeracional das condições de vulnerabilidade ou que, ao contrário, agem no sentido da **mobilidade social**.

## Abstract

Young people's **transition paths to adulthood** imply several social processes that can combine in different ways. School, family and work are some of the dimensions that shape transitions.

In this work we studied the case of **young people** living in a social housing neighbourhood and sought to identify the processes by which they integrate the **labour market**. We compared their situations with Portuguese young people in general and adults from the same neighbourhood and we reconstructed the life courses of a set of interviewees. The results show combinations of factors that can, as in the majority of cases, reinforce **social reproduction of inequalities**, by the transmission of vulnerable conditions between generations or, on the contrary, enable **social mobility**.

## Agradecimentos

Agradecemos aos jovens que colaboraram nas entrevistas e aos técnicos e instituições parceiras do Projecto Geração que facilitaram o trabalho no terreno.

## Índice

<b>1) Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>2) Juventude e sociologia da juventude .....</b>	<b>2</b>
2.1 O que é a juventude?.....	2
2.2 Como tem a sociologia pensado a juventude?.....	4
2.3 Corrente geracional e corrente classista: um debate de referência na sociologia da juventude.....	6
<b>3) Padrões de transição para a vida adulta .....</b>	<b>9</b>
<b>4) Metodologia .....</b>	<b>14</b>
<b>5) O bairro e os jovens.....</b>	<b>22</b>
5.1 O bairro .....	22
5.2 Os jovens: considerações prévias à análise .....	28
5.3 Os jovens e a escola .....	30
<b>6) Os jovens e o mercado de trabalho .....</b>	<b>36</b>
6.1 Modalidades e tempos de início da actividade profissional .....	36
6.2 Efeito do capital relacional no acesso ao mercado de trabalho .....	38
6.3 Situação dos jovens no mercado de trabalho.....	39
<b>7) Factores de mobilidade e reprodução social à escala individual: Retratos Sociológicos .....</b>	<b>45</b>
<i>Luísa</i> .....	46
<i>João</i> .....	46
<i>Aníbal</i> .....	47
<i>Bernardo</i> .....	49
<i>Armando</i> .....	51
<i>Sofia</i> .....	52
<i>Óscar</i> .....	54
<i>Neusa</i> .....	56
<b>8) Conclusão: mercado de trabalho e reprodução das desigualdades.....</b>	<b>58</b>
<b>9) Bibliografia .....</b>	<b>62</b>
Anexo A - Padrões de Transição para a Vida Adulta segundo Guerreiro e Abrantes .....	66
Anexo B - Taxas de retenção nas escolas do Agrupamento Miguel Torga e em Portugal .....	67
Anexo C - Grelha de caracterização dos entrevistados.....	68

## Índice de quadros

Quadro 1 – População do bairro segundo origem a origem étnico-racial e a idade (percentagens em coluna)....	23
Quadro 2 – Nível de ensino atingido em Casal da Boba e na Grande Lisboa em indivíduos com 10 ou mais anos (percentagens em coluna).....	24
Quadro 3 – Principal meio de vida da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna) .....	25
Quadro 4 – Principal condição perante o trabalho da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna).....	26
Quadro 5 – Profissão principal da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna) .....	27
Quadro 6 – População empregada segundo a profissão principal na Região de Lisboa e em Casal da Boba (percentagens em coluna).....	28
Quadro 7 – Jovens do bairro e jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna) .....	29
Quadro 8 – Nível de escolaridade atingido pela população do bairro segundo a idade (percentagens em coluna).....	31
Quadro 9 – Nível de escolaridade completo dos jovens em geral e dos jovens do bairro, segundo a idade e o sexo (percentagens em coluna).....	32
Quadro 10 – Condição perante o trabalho dos jovens do bairro e dos jovens em geral, segundo a idade (percentagens em coluna).....	33
Quadro 11 – Principal meio de vida dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna).....	36
Quadro 12 – Principal condição perante o trabalho dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna).....	36
Quadro 13 – Profissão principal da população do bairro segundo o sexo e a idade (percentagens em coluna) ....	40
Quadro 14 – Profissão principal dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo o sexo (percentagens em coluna).....	40
Quadro 15 – Profissão principal dos jovens do bairro, segundo a escolaridade atingida (percentagens em coluna) .....	41
Quadro 16 – Tipo de contrato da população do bairro segundo a idade e sexo (percentagens em coluna).....	42
Quadro 17 – Taxa de desemprego da população jovem e adulta em Portugal e em Casal da Boba segundo o sexo .....	43
Quadro 18 – Tipo de contrato dos jovens do bairro segundo a escolaridade atingida (percentagens em coluna) .	44
Quadro 19 – Taxa de desemprego dos jovens do bairro segundo a escolaridade e idade.....	44

## 1) Introdução

As desigualdades sociais são um tema forte na sociologia. Não só porque se trata de um tema regularmente debatido no âmbito das políticas públicas, mas também porque esteve muito presente na génese e desenvolvimento da própria disciplina. Nesta dissertação este é um tema transversal, reportamo-nos à transmissão intergeracional das desigualdades sociais, mas localizamo-nos num domínio específico que é característico de outra subdisciplina, a sociologia da juventude.

Do ponto de vista teórico pretende-se aqui articular conceitos que pertencem a uma das abordagens recentes mais produtivas em sociologia da juventude – a transição para a vida adulta (TVA) – com o domínio da reprodução social. Por esse motivo o presente texto incide principalmente nas modalidades de inserção profissional, na medida em que o trabalho, como fonte de rendimentos, domínio de socialização e fonte de capital social, se reveste de particular importância nas dinâmicas de reprodução e mobilidade social. Não quisemos, contudo, cingir-nos apenas à inserção no mercado de trabalho, não só porque esta se articula com outros domínios – a escola obviamente, assim como outros aspectos do contexto social em que os actores se movem – mas também porque dispúnhamos de material empírico valioso para poder observar essa articulação.

O objecto empírico que delimitámos foi o segmento juvenil da população de um bairro social. A que intervalo de idades deve corresponder a faixa juvenil é uma questão com direito ao seu próprio debate, mas considerámos o intervalo entre os 15 e os 29 anos, por ser o que permite comparações com outros estudos realizados em Portugal e na Europa.

Propomo-nos entender de que forma os percursos de transição para o mercado de trabalho se articulam com dinâmicas de mobilidade e reprodução social. Interessa-nos, particularmente, comparar a sua situação com a das gerações mais velhas que residem no mesmo bairro e com os jovens em geral, procurando pontos de aproximação e afastamento que permitam entrever tendências.

Fazemos a análise de duas fontes empíricas principais: Um inquérito por questionário a 250 agregados do bairro, em 2006, e uma série de 20 entrevistas em profundidade a jovens do bairro, realizadas de Outubro de 2008 a Março de 2009. Servimo-nos também de outros elementos, como notas recolhidas com base na observação do quotidiano no bairro e em reuniões que envolveram várias instituições presentes em Casal da Boba uma vez que, na

condição de investigador de um projecto de avaliação, desde 2007, temos tido contacto com o bairro e muitas instituições ali presentes, o que facilitou a aproximação ao terreno.

A estrutura do texto segue a seguinte disposição. Primeiro, tem lugar uma delimitação do campo teórico na qual se discute o conceito de juventude e as principais correntes da sociologia da juventude, seguindo-se uma discussão sobre elementos de contextualização relativamente ao tema da transição para a vida adulta. Em segundo lugar uma descrição da abordagem metodológica tendo em conta algumas perspectivas teóricas de referência. A partir do capítulo quinto centramo-nos no nosso objecto empírico começando por uma caracterização sócio-demográfica do bairro e dos jovens e progressivamente analisamos as dimensões mais próximas da transição para o mercado de trabalho. No sexto capítulo referimo-nos a material quantitativo e qualitativo em conjunto, discutindo as questões que nos interessam do ponto de vista teórico: que dinâmicas de reprodução e mobilidade social estão envolvidas na configuração dos percursos. Apresenta-se de seguida um conjunto de mini-retratos sociológicos construídos com base nas entrevistas e que pretendem ilustrar e fundamentar algumas das afirmações do ponto anterior. Por fim apresentam-se as principais conclusões a título de síntese.

## **2) Juventude e sociologia da juventude**

### **2.1 O que é a juventude?**

Falar de juventude em termos sociológicos implica necessariamente uma discussão prévia e um afastamento do conceito enquanto categoria natural. Para este efeito fazemos uma incursão no contexto de emergência da juventude como construção social. A noção de juventude está intimamente ligada, de acordo com Pais (1993: 24), à relevância atribuída a determinados problemas sociais. Assim, como acontece com a infância ou a velhice, a juventude é algo cujo sentido é definido socialmente, variando sincrónica e diacronicamente. Esta é uma afirmação quase óbvia dentro de uma abordagem sociológica: será assim com todas as classificações na medida em que sejam produto e produtoras da organização social. Ainda assim importa desnaturalizar um pouco o conceito. A ideia de juventude remete de imediato para uma distinção (ser jovem é diferente de não o ser), e esta distinção é produtora de uma determinada ordem social. Para Bourdieu (2003[1980]) trata-se sobretudo de uma questão de poder: a ideia de juventude define limites, põe cada um “no seu lugar”.

Galland (2001) resume a sua análise histórica da juventude considerando que no Antigo Regime a juventude é representada essencialmente como uma “relação de filiação”; no século XVIII enquanto “relação educativa”, o jovem é o estudioso; no século XIX representa-se como “relação de gerações”. No século XX a juventude passa a ser entendida como um processo, primeiro por influência da psicologia, como processo de maturação psicológica, e depois como processo de socialização. Não cabe aqui aprofundar essa evolução, apenas mostrar que se trata de uma classificação eminentemente social e não natural ou biológica.

Enquanto classificação a juventude é um reportório de características. Espera-se que um jovem possua determinadas características por oposição a um adulto, e essas, como já vimos, não são sempre as mesmas. Pais afirma que *“histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados «problemas sociais»”*. Nesta linha considera que um jovem adquire o estatuto de adulto contraindo certas responsabilidades *“de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento)”* (Pais; 1993: 24).

Percebe-se que, enquanto categoria social, a juventude está longe de ter um significado claro e estável. Enquanto categoria sociológica é objecto de debate, como vamos ver, desde logo entre os que a aceitam e os que a rejeitam como unidade social. Enquanto categoria empírica, actualmente, é igualmente indefinida por dois motivos. Ainda seguindo Pais, em primeiro lugar *“os contornos da fase de vida têm sistematicamente flutuado (...) ao longo do tempo; por outro lado, porque a imagem da juventude associada a um processo de transição entre conhecidos e seguros estádios da vida está cada vez mais a tornar-se obsoleta.”* (idem: 33).

Ora, se na categorização científica é desejável a estabilidade dos conceitos, por permitir a comparabilidade entre estudos ao longo do tempo e em contextos diferentes, um dos problemas é precisamente a instabilidade operativa do conceito de juventude. Deve-se considerar jovem aquele que ainda não adquiriu o estatuto de adulto, segundo a frase supracitada de Pais, ou deve-se preferir um intervalo de idades, ou ainda uma combinação dos dois (o que seria provavelmente demasiado complexo para a maioria dos estudos extensivos)? Uma das fontes importantes para os estudos sobre juventude são as estatísticas oficiais, pelo que do ponto de vista da comparabilidade é útil privilegiar a opção do intervalo de idades. Mas mesmo aceitando essa opção levanta-se outra questão. Que intervalo de idades? Sabemos que em determinados estudos se considera a faixa dos 15 aos 24 anos e noutros a dos 15 aos 29, por exemplo. No nosso caso pudemos constatar que o INE utiliza preferencialmente a



primeira, apesar de a segunda, que utilizamos nesta dissertação, ser a mais utilizada actualmente em vários estudos da sociologia da juventude.

“O que é a juventude?”, para além de ser uma questão metodológica, é primeiro um problema teórico. Colocando-nos em proximidade com um conjunto de abordagens que se podem definir como estudos de transição para a vida adulta, estamos logo à partida a explicitar uma determinada perspectiva sobre o problema. Interessam-nos os jovens enquanto categoria analítica que implica, a vários tempos, e de diversas formas, uma relação de transição com determinadas dimensões institucionais de que a escola, a família e o trabalho são exemplos essenciais, embora não os únicos. Mas para podermos fazer comparações é conveniente adoptar um critério de tipo empírico. Considerando como objecto empírico os indivíduos residentes em Casal da Boba entre os 15 e os 29 anos, fazemos uma delimitação que se articula com o que foi dito atrás acerca da juventude enquanto categoria analítica: a escolaridade obrigatória termina no 9º ano (aos 15 anos, sem reprovações); existe um conjunto de responsabilidades civis que começa aos 16, outras aos 18; a idade legal para começar a trabalhar é aos 16; é neste intervalo de idades que em geral, na Europa, se atinge a autonomia familiar (Brannen; 2002: 5).

## **2.2 Como tem a sociologia pensado a juventude?**

O discurso científico sobre a juventude esteve inicialmente circunscrito à psicologia e à pedagogia. Para além do duradouro domínio destas disciplinas, Galland (2001) associa o interesse tardio da sociologia pelo tema à ideia durkheimiana de que o adolescente, não tendo ainda interiorizado o conjunto de normas necessárias à vida social, é um ser pré-social. A juventude surge na sociologia sobretudo pela força do seu aparecimento enquanto categoria social ligada a determinados problemas sociais. Não espanta por isso que Galland (1991: 44) considere que a delinquência juvenil foi o tema que produziu as obras pioneiras mais significativas no âmbito da sociologia da juventude. O estudo das subculturas juvenis foi uma das linhas dominantes desta tradição. Num estudo clássico de 1955 acerca dos jovens de meios populares, W.F. Whyte propõe a terminologia “corner boy” para se referir a uma ética específica, uma cultura de meio-termo entre a dos jovens delinquentes e a dos designados “college boys”, jovens do mesmo meio, mas em rota de promoção social. Os modos de socialização e o desfazamento entre a socialização familiar e escolar são elementos comuns nessas abordagens iniciais, muitas originárias da Escola de Chicago.

Parsons e Eisenstadt (cit. por Galland, 1991) são também autores que contribuíram para o corpo teórico do que podemos designar por sociologia da juventude. Nas suas perspectivas sobre a juventude, marcadas por uma inclinação funcionalista, consideram que as culturas juvenis funcionam como uma forma de mediação entre universos culturais distintos, presentes na família e no trabalho, e que as especificidades das culturas juvenis americanas suas contemporâneas seriam explicáveis por processos sociais mais abrangentes. O conceito de *interlinking sphere* de Eisenstadt pretende traduzir essa função de mediação. Para Parsons a instabilidade e incerteza da juventude americana do seu tempo resulta de quatro elementos principais: o prolongamento dos percursos escolares, o isolamento estrutural da família nuclear, a maior liberdade no campo das práticas e representações sobre a sexualidade, as rápidas transformações sociais em geral.

Na Europa a sociologia da juventude teve um início mais tardio do que nos EUA. Também aqui as disposições éticas dos jovens e as culturas juvenis ocuparam grande parte dos temas dos primeiros trabalhos. É este o caso de Chamboredon (cit. por Galland 1991:51) em França. Este autor defendeu a posição de que as culturas adolescentes representariam um processo de legitimação de um indeterminismo estatutário, ao contrário das teses mais próximas do culturalismo que as consideravam como expressando uma ruptura com o sistema de valores dos adultos. As mobilizações juvenis de Maio de 1968 tiveram um impacto grande na reorientação da perspectiva destes estudos, no sentido de um maior interesse sobre os movimentos sociais e o envolvimento político. Durante os anos 70 e por influência da crise económica e do desemprego, os sociólogos começaram a debruçar-se mais sobre as questões da inserção profissional, mas ainda com um forte enfoque nas atitudes e valores dos jovens.

Nos anos 80 as culturas juvenis continuaram a ser um tema recorrente nos estudos sobre a juventude. No entanto, o tema do envolvimento político, muitas vezes tratado na década anterior, perdeu notoriedade em face de uma certa atitude de “desencanto”, demonstrada em alguns estudos, perante uma juventude politicamente menos activa (Pais; 1993:27). Os consumos e estilos de vida ganharam relevo, o que está associado à difusão da ideia de que se passou, entre os jovens, de uma “socialização de produção” a uma “socialização de consumo”.

Também nos anos 80 é possível encontrar o desenvolvimento de uma corrente dentro da sociologia da juventude cujo início remonta à década anterior e que escolhe a ideia de transição como elemento analítico fundamental. Vamos voltar a esta perspectiva mais tarde.

### **2.3 Corrente geracional e corrente classista: um debate de referência na sociologia da juventude**

Na bibliografia consultada encontramos perspectivas diferentes sobre a evolução histórica da sociologia da juventude. Adoptamos aqui uma versão mais próxima da de Galland (2001) por ser mais sistematizada. Este autor dá especial realce às condições de emergência da sociologia da juventude nos EUA e em França. Rosenmayr (1979) centra-se, sobretudo, na emergência da ideia de geração. Para Pais, que escreve já nos anos 90, a evolução deste campo disciplinar está ligada a um debate entre duas correntes fundamentais, a geracional e a classista. Essa distinção é evocada também por Galland, que refere um debate intenso nas páginas da revista “Jeunesses et Societés”. Seriam os autores mais próximos do marxismo que se identificariam com a corrente classista, enquanto que os mais próximos do funcionalismo optariam pela corrente geracional.

Galland apresenta a distinção na forma da seguinte pergunta: é legítimo pensar a juventude como uma categoria social ou será que as determinações de outro tipo, como as de classe, não permitem a unidade suficiente para que se possa falar de juventude no singular? (Galland; 2001)

A resposta a esta questão, para a corrente geracional, passa por evidenciar o carácter unitário da juventude, sendo a sua preocupação fundamental a continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. As culturas especificamente juvenis são interpretadas no quadro das descontinuidades geracionais e encaradas como um todo homogéneo de valores partilhados por uma mesma geração (Pais; 1993:40). O efeito de pertença a uma geração seria assim de tal modo significativo que os jovens sofreriam condicionalismos sociais específicos, com reflexos na sua identidade. As diferenças de valores entre os jovens não poriam em causa a existência de uma cultura juvenil, configurariam, para esta perspectiva, (sub)culturas juvenis.

Provavelmente nem todos os autores inseridos na corrente geracional aceitariam a ideia de juventude como entidade homogénea, mesmo sendo essa uma das críticas que se faz a esta perspectiva. Pode-se argumentar, contudo, que ao incidir a análise principalmente nas descontinuidades geracionais, esta corrente está a subestimar um aspecto transversal da experiência social dos jovens (como de todos os seres sociais), o da estratificação e reprodução social. Para a corrente classista esse é o aspecto central. Na corrente geracional a reprodução social é também uma questão importante, mas ao nível das relações intergeracionais, ou seja, da manutenção ou da mudança nas relações sociais entre gerações.

A resposta à pergunta enunciada por Galland, na perspectiva classista, estará próxima do título do texto de Bourdieu (2003 [1980]) “A ‘juventude’ é só uma palavra”. Para esta corrente falar em juventude no singular é iludir que as diferenças de classe diferenciam necessariamente os percursos para a vida adulta. Não significa isto que os autores incluídos nesta corrente não se tenham preocupado com as culturas juvenis. Para esses autores estas são, sobretudo, culturas de classe: *“as culturas juvenis seriam sempre “soluções de classe” a problemas compartilhados por jovens de determinada classe social”* (Pais; 1993:48). Claro que esta perspectiva incorre no reducionismo de relacionar as características inerentes à condição de jovem apenas com as dinâmicas de reprodução das desigualdades sociais. A atenção quase exclusiva das pesquisas classistas sobre as culturas operárias masculinas é um dos reflexos desse reducionismo.

Como em outros debates polarizados na sociologia, as formas “puras” das correntes em debate acabam por ser quase ideal-típicas. É aliás difícil encontrar exemplos recentes de pesquisas que se enquadrem numa destas correntes na sua forma “pura”. A pertinência deste debate existe, na nossa perspectiva, enquanto enquadramento dos limites de uma discussão sobre a reprodução social e intergeracional na juventude.

Prosseguindo essa discussão importa, em primeiro lugar, realçar as desigualdades sociais e a reprodução das desigualdades como dimensões implicadas em grande parte dos fenómenos sociais. Para além das classes, são vários os factores de diferenciação social que actuam como princípios de estratificação. Não têm, contudo, todos sempre a mesma importância. Quando alguns teóricos, embalados pela noção de pós-modernidade, afirmaram o fim das classes, já muitas pesquisas empíricas levadas a cabo nos mais diversos domínios demonstravam que, apesar de existirem mudanças importantes, as classes continuavam bem presentes, não como únicos sujeitos da história, mas como elementos importantes de estruturação das relações sociais (Costa et al.; 2000).

É necessário ter alguma cautela em descartar os efeitos da estrutura social sobre os fenómenos que pretendemos analisar. Existem perspectivas e domínios disciplinares em que é frequente encontrar esse erro de subestimação da estrutura social, a que não são alheios os preconceitos ideológicos. Por exemplo ao nível da produção científica sobre a escola e os públicos escolares em Portugal: *“a ideologia multiculturalista nas escolas portuguesas tem tido o grave efeito de ocultar as desigualdades sociais que nelas operam e cujas consequências mais visíveis são as escandalosas taxas de insucesso e abandono precoce.”* (Machado; 2005:696). Os estudos sobre a juventude, como outros, não estão por isso

“dispensados” de ter em conta as classes e, mais genericamente, as relações sociais de desigualdade.

No que respeita à juventude e outros domínios, a importância das classes não esgota de maneira nenhuma todas as distinções sociais. A distinção entre jovem e adulto tem importância sociológica logo à partida enquanto representação social, sendo depositária de um conjunto de expectativas que regulam os papéis sociais. Não só os papéis sociais dos jovens, mas também os dos não jovens em relação com estes. Bastaria isto para tornar a juventude, no singular, um objecto digno de problematização sociológica. Um jovem existe inserindo-se numa estrutura de relações sociais objectivamente diferente da de um adulto. Por exemplo, no que diz respeito às relações familiares, à escola e ao mercado de trabalho, existem papéis especificamente jovens que implicam, nestes e outros domínios, determinadas configurações de relações sociais.

Vários factores contribuíram para que, num contexto de modernidade tardia, pós-modernidade, sociedade pós-industrial ou outras designações para referir um conjunto de alterações nas instituições e relações sociais tipicamente “modernas”, algumas das distinções entre universos jovens e adultos se transformassem. Essas transformações não são uniformes. Especificidades de classe, género, meio residencial, e claro, também culturais, mediaram a forma como essas alterações afectaram os jovens. Aspectos como o prolongamento da escolaridade ou o atraso na autonomização familiar sofreram transformações mais marcadas em determinados meios, outros persistem à margem destas transformações. No caso da sociedade portuguesa, que ainda por cima é em grande parte uma “sociedade dual” ao nível do ritmo de modernização, existem diferenças fortes entre regiões.

Todos esses factores de diferenciação não retiram pertinência ao estudo da juventude. Mais especificamente, quando entendida como fase de transição em que os indivíduos deixam de ser objecto de expectativas associadas à infância mas ainda não adoptaram um conjunto de papéis associados à vida adulta, a juventude é um lugar privilegiado de observação de dinâmicas de mobilidade e reprodução social. Isto porque algumas das transições dão-se em esferas muito mediadas por essas dinâmicas como é o caso do percurso escolar, a entrada no mercado de trabalho, a paternidade e autonomização familiar. Para além disto, as próprias transformações que têm vindo a tornar mais fluidos os limites entre juventude e vida adulta, nas quais se insere a emergência da categoria de jovem adulto, conferem à transição um papel de destaque na análise das tendências de mudança social: *“Young adults in this perspective are a ‘strategic group’ that reveal the central structures of societal change and provide insights into future developments, coping strategies and policies”* (EGRIS; 2001:104).

A noção de transição para a vida adulta comporta as várias dimensões que têm sido referidas até agora. Refere-se a uma fase na vida dos indivíduos e comporta a ideia de diferenciação, permitindo equacionar os mecanismos de mobilidade e reprodução social enquanto processos sociais à escala individual e, simultaneamente, considerar factores sociais mais globais que condicionam os caminhos para a vida adulta.

### **3) Padrões de transição para a vida adulta**

Actualmente, em Portugal, a análise dos percursos de transição para a vida adulta é uma das abordagens da sociologia da juventude com maior produção, sobretudo ao nível da transição escola-trabalho e dos projectos de conjugalidade (Guerreiro e Abrantes; 2005:5). Um exemplo interessante a que iremos regressar é o da tipologia de transições para a vida adulta proposta por Guerreiro e Abrantes que mostra bem como essa realidade particular que é a juventude está muito ligada à estratificação social. (Guerreiro e Abrantes; 2004, 2005)

Ao seguir os principais desenvolvimentos da sociologia da juventude percebemos que a condição juvenil e os padrões de TVA se alteraram sucessivamente. Já referimos algumas das mudanças que ocorreram nas últimas décadas e iremos agora desenvolver melhor este ponto com especial atenção para o caso português.

Quando nos referimos às dinâmicas que transformaram a condição juvenil, verificamos que algumas das mais importantes têm uma dimensão globalizante<sup>1</sup> relacionadas sobretudo com transformações no mercado de trabalho. No contexto europeu, no qual existem vários estudos transnacionais e comparativos, foram identificadas algumas tendências comuns. Mas a articulação destas alterações no mercado de trabalho com o funcionamento das estruturas e instituições nacionais, como os sistemas de protecção social, as políticas públicas dirigidas aos jovens, as normas culturais etc., diferencia os padrões de transição em cada contexto institucional (EGRIS; 2001:105)

Desta forma os padrões de TVA resultam de uma complexa encruzilhada de causalidades: existem transformações no mercado de trabalho comuns às sociedades avançadas que resultam da emergência de modelos de desenvolvimento económico baseados na flexibilidade e nas qualificações; existem, ao nível da União Europeia, tendências alargadas no domínio das políticas públicas que actuam sobre os sistemas de formação,

---

<sup>1</sup> Não no sentido de serem globais mas no sentido de não serem especificamente regionais ou nacionais.

mercado de trabalho e protecção social; persistem especificidades nacionais ao nível destes sistemas e existem ainda particularidades regionais e tendências circunscritas a determinadas condições sociais, género e etnia.<sup>2</sup>

Nas sociedades europeias os percursos de transição escola-trabalho tornaram-se de um modo geral menos lineares, assiste-se a uma maior uniformização dos sistemas de ensino, uma queda da proporção de jovens a trabalhar associada ao prolongamento dos percursos escolares (EGRIS; 2001:106). Verifica-se também uma redução das diferenças de género, com as mulheres a alcançarem níveis de ensino mais elevados e maiores taxas de participação no mercado de trabalho. Existe uma tendência de adiamento da autonomia familiar que faz com que os jovens, na Europa, fiquem hoje até mais tarde em casa dos pais.

Esse fenómeno pode estar associado a um contexto de contracção do emprego, que dificulta a entrada dos jovens no mercado de trabalho, levando-os a depender economicamente das suas famílias. O prolongamento dos percursos escolares também acaba por atrasar a integração dos jovens num posto de trabalho com alguma estabilidade, especialmente num momento em que existe uma tendência para maior flexibilização das relações laborais e em que a relação dos jovens com o sistema de emprego é por vezes precária e consiste numa sucessão de empregos provisórios intercalados com períodos de desemprego (Pais; 2001). Esse estatuto de semi-dependência dos pais pode também estar associado a uma tendência para adiamento de decisões e responsabilidades vinculativas, *“criando entre a adolescência e a entrada na vida adulta, um período de opções, liberdade e experimentação”* (Guerreiro e Abrantes; 2005:39). Nas várias razões que se podem encontrar para explicar este adiamento das TVA pode-se distinguir entre os autores que entendem esse período como de *“preparação e experimentação”* e os que o entendem como de *“espera e de risco”* (idem: 40).

Este é um panorama geral, mas devemos ter em conta que uma das tendências gerais é precisamente a da diversificação dos percursos de transição. Se Portugal se enquadra em parte nestas dinâmicas bastante generalizadas entre os países da Europa Ocidental, existem, contudo, especificidades muito importantes. No que diz respeito à redução de diferenças inter-género na escolarização e mercado de trabalho, é um facto que, por vários motivos, as mulheres já há várias décadas têm uma participação forte no mercado de trabalho, embora sem correspondência no que diz respeito a remunerações e permanecendo sub-representadas

---

<sup>2</sup> Guerreiro e Abrantes (2004) evidenciam essa combinação de tendências de vários níveis no capítulo “Transições na Modernidade”

em cargos de direcção. Comum entre Portugal e a UE é a tendência galopante de maior escolarização das mulheres, que já há vários anos estão em maioria no ensino superior.

Apesar de a família continuar no centro dos projectos dos jovens portugueses, assistiu-se nas últimas décadas a uma transformação dos modelos familiares em Portugal acompanhando processos característicos da modernidade avançada, como a valorização das liberdades individuais, das relações afectivas e a laicização do casamento. (Guerreiro e Pegado; 2006:11). Apesar desta tendência ser muito generalizada em Portugal, as transformações na autonomização familiar dos jovens realizam-se a dois ritmos.

Para uma grande parte da população, constrangimentos como a instabilidade laboral, rendimentos insuficientes para obtenção de habitação e sustento dos filhos, levam a um adiamento dos projectos de autonomia familiar. No caso da parentalidade esse adiamento também se relaciona com uma mudança nas disposições culturais que se manifesta na noção da “idade certa” para ter filhos (Guerreiro e Abrantes; 2005). A parentalidade é associada por muitos jovens ao fim ou a uma redução drástica de práticas de lazer que caracterizam a condição juvenil, como as saídas à noite ou o convívio com os amigos. Esta “idade certa” não é só a idade em que já se tem estabilidade laboral e rendimentos para sustentar os filhos num contexto de maior investimento parental, mas é também a idade em que se atingiu uma maioridade emocional mais propícia ao estabelecimento de relações familiares mais estáveis. *“A consciência do risco cruza-se com as ideias, dominantes nesta geração, de “realização individual”, “responsabilidade individual”, “bem-estar material” e “infância protegida”, resultando na concepção de que a parentalidade precoce constitui uma irresponsabilidade.”* (idem; 2005:163).

Para uma outra parte da população, sobretudo a de condição social mais desfavorecida, a passagem para a autonomia familiar, os projectos de conjugalidade e parentalidade continuam a fazer-se segundo padrões mais próximos de um tipo tradicional. Assim, neste grupo minoritário continuam a ser frequentes os filhos antes dos 20 anos, muitas vezes em associação com abandono escolar e entrada precoce no mercado de trabalho. Apesar do casamento ser em Portugal uma opção muito generalizada, entre este grupo é frequente a coabitação devido a constrangimentos económicos, podendo o casamento ser adiado até que se alcancem melhores condições (idem: 164).

Estas tendências traduzem-se no campo dos papéis femininos numa ambivalência. Se é verdade que se assiste a um movimento de homologia de papéis de género, relacionado com o acesso a níveis mais elevados de escolaridade por parte das mulheres, também é verdade que em Portugal a integração destas na vida activa se fez em grande parte mantendo algumas das



características tradicionais do papel feminino na esfera familiar, designadamente ao nível das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, onde detêm um papel mais significativo do que os homens. Isto implica que um investimento maior por parte das mulheres numa carreira profissional leve ao adiamento da maternidade.

O que se passa na esfera familiar ao nível dos padrões de transição para a vida adulta em Portugal é o resultado de duas “forças” opostas. O acompanhamento de tendências da modernidade avançada no adiamento da autonomização familiar, relacionadas com constrangimentos objectivos mas também mudanças ao nível das representações, e, por outro lado, a manutenção de um modelo mais tradicional de casamento e parentalidade mais precoces. Assiste-se, por isso, a uma diversificação de situações no campo familiar e, resultado da combinação destas tendências, a uma complexificação dos padrões.

É frequente deparar-nos com evidências de um aumento da escolaridade em Portugal, sobretudo entre os mais jovens. O grande aumento na procura de licenciaturas é indicador dessa expansão, subseqüente a uma democratização do sistema de ensino, mas não deve contudo ocultar que persiste em Portugal uma franja da população juvenil que tem grandes dificuldades na escola e não consegue terminar a escolaridade obrigatória. Mais uma vez Portugal está dividido entre o acompanhamento das tendências mais globais de prolongamento escolar e a manutenção de dinâmicas de reprodução social do insucesso escolar. As desigualdades na escola cruzam-se com as diferenças verificadas na esfera familiar e, como seria de esperar, com a entrada no mercado de trabalho.

Assim, para os jovens que permanecem no sistema de ensino até níveis académicos mais elevados, o início da actividade profissional faz-se mais tarde, o que acaba por se reflectir nas possibilidades de atingir rapidamente uma situação laboral estável, condição que muitos jovens consideram fundamental para concretizar um projecto de autonomização familiar. Para os jovens que saem precocemente da escola, o ingresso no mercado de trabalho faz-se muitas vezes de forma precária e em sectores desqualificados.

A maior flexibilização das relações laborais, outra tendência das sociedades avançadas, com expressão nas práticas dos empregadores e na própria legislação, caracterizada pela maior variabilidade de horários, funções e instabilidade no emprego, têm sido acompanhadas por um aumento da taxa de desemprego, o que dificulta primeiramente a entrada no mercado de trabalho e depois o alcance de um patamar de estabilidade laboral coincidente com as expectativas dos jovens. Estes têm por isso dificuldades acrescidas de integração no mercado de trabalho, mesmo quando têm qualificações elevadas. Quando iniciam uma profissão, podem rapidamente ter de mudar de emprego ou ficar desempregados.

Alguns tentam completar a sua formação pelo ensino formal ou através de modalidades alternativas. Nem sempre essa alternativa tem efeitos concretos ao nível da empregabilidade. Uma ideia que exprime essa instabilidade é a dos trajectos “yô-yô”, ou seja, os movimentos intermitentes que se verificam nos percursos escolares, profissionais e de autonomia familiar (Pais; 2001). Sair de casa dos pais, terminar o ensino secundário ou começar um emprego já não é como no passado um movimento linear, mas antes um vai-e-vem de possibilidades: voltar a viver com os pais por não se ter rendimentos suficientes para habitação própria, voltar a estudar, mudar de emprego ou ficar desempregado. Este panorama que caracteriza grande parte da condição juvenil não é, contudo, universal. Permanece um sistema de emprego estável e padronizado, com elevados rendimentos, a que alguns jovens conseguem aceder.

Existe assim uma multiplicidade de percursos de transição, a vários ritmos, mais ou menos lineares, mais ou menos coincidentes nos domínios da escola, família e trabalho. O quadro do anexo A ilustra essa diversidade de percursos de acordo com Guerreiro e Abrantes (2005: 170). Neste quadro vemos que se alguns tipos de transição não têm uma relação com a origem social, na maior parte existe uma predominância de determinadas classes de partida. Em alguns destes, associados a classes desfavorecidas, existe dificuldade de integração no mercado de trabalho. Esta relação mostra como os percursos de TVA estão necessariamente ligados a processos de reprodução das desigualdades. Temos neste quadro uma evidência desse processo relativamente a desigualdades de classe, mas devemos também considerar, em relação com estas, as desigualdades de género.

Neste ponto temos, como muitas vezes quando fazemos caracterizações com este tipo de abrangência, um panorama feito de tendências diversas e até contraditórias que no final aparentam configurar uma nuvem sem conclusões claras. É enganador presumir que por haver complexidade não existem tendências e causalidades. Melhorar a legibilidade dessa complexidade pode passar por uma redução da escala, mas sempre em relação com uma noção do seu conjunto. Por este motivo, mesmo tendo-se partido para o terreno de pesquisa com uma perspectiva próxima da etnosociologia, não prescindimos de comparações com contextos de referência. Os jovens de Casal da Boba, neste sentido, e tendo em conta a sua especificidade, não nos interessam aqui apenas por si próprios. Queremos conhecer os processos sociais que se desenvolvem através deles e muitos não lhes são específicos.

#### 4) Metodologia

As opções metodológicas resultaram do cruzamento das possibilidades oferecidas por três factores: as referências teóricas de partida, o material empírico recolhido e as questões de pesquisa.

Uma leitura dos dados recolhidos no âmbito de pesquisas anteriores<sup>3</sup> enquadradas no trabalho do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-ISCTE) forneceu um panorama sociodemográfico da população de Casal da Boba, sobretudo do seu segmento juvenil. A partir deste conjunto de informação de fundo delimitámos o foco de incidência desta dissertação: os processos envolvidos na inserção dos jovens do bairro no mercado de trabalho. Note-se que este aspecto já tinha sido tratado nas referidas pesquisas, mas no âmbito de uma preocupação mais alargada, que incluía também os percursos familiares e escolares. Pretendíamos seguir uma via que revelasse novas conclusões sobre o material empírico recolhido e por esse motivo se justifica a escolha de nos centrarmos sobre um domínio específico dos processos de transição, a inserção no mercado de trabalho. Ao centrarmo-nos neste aspecto pudemos alongar-nos na sua análise, já que as investigações anteriores procuravam responder a questões diferentes ou mais abrangentes. Obviamente que neste processo foi necessário recuperar alguns dados e mesmo algumas conclusões dos referidos estudos sem por isso ficar prejudicada a originalidade da presente investigação.

A primeira fonte empírica considerada foi uma base de dados resultante de um inquérito por questionário realizado no bairro em 2006, que passamos a enquadrar metodologicamente.

O inquérito foi conduzido por uma equipa do CIES – ISCTE<sup>4</sup> no contexto da avaliação de acompanhamento do projecto Geração (explicar-se-á o que é este projecto no capítulo dedicado à caracterização do bairro). Foi realizado com o apoio da equipa de “facilitadores de bairro”, que trabalha no âmbito desse projecto, que aplicou o inquérito. Através dos 250 agregados abrangidos atingiu-se um total de 867 indivíduos. A amostra constituiu-se a partir de critérios de representatividade tendo em conta as tipologias de fogos. Através do inquirido directo foram recolhidos dados acerca dos outros elementos do agregado familiar. O

---

<sup>3</sup> Referimo-nos à caracterização sócio-demográfica do Bairro de Casal da Boba e à investigação da qual resultou o relatório de pesquisa intitulado “Quantos Caminhos Há no Mundo? Transições para a Vida Adulta num Bairro Social”, ambas realizadas no quadro da avaliação de acompanhamento do Projecto Geração e coordenadas por Fernando Luís Machado.

<sup>4</sup> À altura esta equipa era constituída por Fernando Luís Machado e Raquel Matias.

questionário tinha uma primeira parte de caracterização geral, seguindo-se questões sobre inserção laboral e sobre escolaridade.

A partir do inquérito foram criadas duas bases de dados, uma para os agregados, com 250 casos, que incluía apenas os dados que se referiam a essa unidade de análise, e outra para os indivíduos, com 867 casos. A análise das duas bases de dados foi realizada numa primeira fase para produzir informação no contexto da avaliação de acompanhamento, numa segunda fase para corresponder aos objectivos da investigação do CIES-ISCTE relativa aos percursos de TVA e ainda numa terceira fase para dar resposta a questões específicas da presente tese de dissertação.

O outro conjunto fundamental de dados empíricos partiu de 20 entrevistas a jovens, que foram levadas a cabo como parte da investigação sobre os percursos de TVA. Entrevistámos jovens entre os 16 e os 30 anos que residiam ou tinham residido no bairro, a partir de um guião de entrevista semi-estruturado, com o objectivo de levar o entrevistado a reconstituir o seu percurso nos domínios familiar, escolar e de inserção no mercado de trabalho.

A selecção dos entrevistados garantiu a diversidade da amostra no que respeita a idade, sexo, origem étnico-racial, percurso escolar e profissional. A análise das entrevistas compreendeu a realização de retratos sociológicos, focando o percurso familiar, escolar e profissional e a produção de esquemas biográficos. Estes materiais, assim como o relatório de pesquisa elaborado a partir daí, constituíram fontes de informação para a discussão aqui realizada.

Para discutirmos com mais profundidade as opções metodológicas começemos por mencionar as orientações que fundamentaram a referida investigação sobre os percursos de TVA e que se basearam na primeira análise dos dados produzidos pelo inquérito. Verificámos na nossa amostra que a maior parte dos jovens sai da escola com baixa escolaridade e tem dificuldade em encontrar emprego. Conhecendo outras características da população do bairro, como a preponderância de agregados com baixos níveis socioeconómicos e escolares, não seria difícil encontrar matrizes da sociologia da educação ou da sociologia das classes que interpretassem estes dados do ponto de vista explicativo, no âmbito estrito da reprodução social das desigualdades. No entanto, constatámos que uma parte dos jovens sai fora deste diagnóstico de reprodução social quase linear. Procurou-se, por isso, ter em conta outro tipo de perspectiva mais adequada a este tipo de objecto e que pudesse guiar a investigação do ponto de vista teórico. A perspectiva de uma sociologia à escala individual proposta por

Bernard Lahire (2005) constituiu assim o primeiro enquadramento teórico mais genérico, na medida em que possibilita complementar as teorias mais próximas da reprodução social com uma interpretação das singularidades individuais. Esta foi a direcção escolhida que fundamentou metodologicamente tanto a mencionada pesquisa sobre os percursos de TVA, como a presente tese de dissertação.

Mantendo o conceito de disposição de P. Bourdieu, através da abordagem de Lahire é possível interrogarmo-nos sobre as formas específicas como os indivíduos geram e mantêm as suas disposições. Longe de pensarmos o indivíduo fora do seu contexto social, por uma perspectiva deste género podemos considerar as formas específicas como este incorpora o social e de que forma o social existe através deste. Contrariando a reprodução quase acrítica dos conceitos de “habitus”, “disposição”, ou “fórmula geradora de práticas”, que, de acordo com o autor, são empregues de forma quase ritualizada em muitos trabalhos de investigação, sem que os seus autores se interroguem acerca dos seus significados (como se fossem conceitos herméticos, dentro dos quais não é possível a problematização) (Lahire; 2005), o autor propõem analisar o indivíduo, entendido “*como produto complexo de múltiplos processos de socialização*” (2005:14).

Desta primeira referência teórica decorrem de imediato algumas implicações metodológicas. Em primeiro lugar, a investigação orienta-se para uma escala individual. A análise tem por objectivo identificar em cada indivíduo e entre indivíduos as variações que revelam factores importantes do ponto de vista da construção dos seus trajectos. Mas na medida em que se pretende identificar os factores que concorrem para a diferenciação de trajectórias individuais, consideramos que uma abordagem hipotético-dedutiva não se aplicaria. Antes de verificar hipóteses explicativas deste fenómeno é necessário formulá-las, perceber como funciona esta realidade específica, que mecanismos a tornam diferente. Neste sentido, e usando um lugar-comum na sociologia, é necessária uma abordagem compreensiva e intensiva, por demarcação de uma abordagem explicativa e extensiva. Claro que esta abordagem não exclui a ampla utilização de instrumentos extensivos como o inquérito, ou a comparação com as estatísticas sobre os jovens em geral ou com os adultos de Casal da Boba, mas é essa abordagem qualitativa que fornece um nível adicional de legibilidade dos dados quantitativos.

A formulação do objecto de estudo, nesta lógica, não antecedeu totalmente a recolha de dados empíricos. O contacto com o terreno permitiu progressivamente definir o objecto. As interrogações que surgiram no início da investigação deram, no decurso do contacto com o

terreno, origem a outras questões. O objecto de estudo não tem neste caso uma grande problematização prévia, esta foi aparecendo do diálogo entre as referências teóricas de base e os dados que foram surgindo. Este tipo de contacto com o terreno pode sugerir outro tipo de interpretações que não as que foram pensadas previamente, sendo necessário por vezes encontrar outras formulações teóricas que complementem a problematização inicial. Esta foi a posição que regeu a aproximação ao terreno para a realização das entrevistas.

Um tipo de abordagem metodológica em que nos baseámos é a perspectiva etnosociológica proposta por Daniel Bertaux, que usamos como referência principal para enquadrar a técnica da entrevista semidirectiva. Esta designa um tipo de investigação empírica “*qui s’inspire de la tradition ethnographique pour ses techniques d’observation, mais qui construit ses objets par référence à des problématiques sociologiques*” (Bertaux; 1997:11). Retivemos desta perspectiva a ideia de abertura inicial e de um contacto precoce com o terreno, mas também a de diálogo permanente entre os dados recolhidos e as referências teóricas que permitiram, no decurso da investigação, formular e reformular hipóteses.

Uma das diferenças entre a perspectiva etnosociológica e a lógica de investigação hipotético-dedutiva é que, no caso da primeira, o investigador parte para o terreno com um conhecimento relativamente escasso, na medida em que ainda não dispõe de um enquadramento conceptual que lhe permita construir hipóteses de partida. Se por um lado quase que se parte da empiria para chegar à teoria, por outro também é verdade que o investigador não chega teoricamente “desarmado” ao terreno<sup>5</sup>. Dispõe de dois tipos de conhecimento indispensáveis. Por um lado aqueles que se prendem com as implicações das relações sociais de observação (Almeida e Pinto; 1986:75) e que podem fazer parte do que designa habitualmente por teorias auxiliares da pesquisa. Este tipo de conhecimentos é o que diz respeito aos fundamentos teóricos da metodologia e que permite uma crítica do método. No planeamento de uma estratégia de observação é necessário ter em conta as características dos inquiridos, de que forma as técnicas utilizadas constroem e limitam a realidade que se pretende observar. Este tipo de conhecimentos cruza-se com os de outro tipo: o investigador deve conhecer os processos e mecanismos sociais relacionados com o objecto empírico como ferramenta mínima de interpretação, sem a qual os dados empíricos se revelariam próximos do ilegível. É face a estas grelhas interpretativas que surgem as interrogações e as perplexidades que permitem formular interrogações heurísticamente férteis.

---

<sup>5</sup> Em rigor o investigador nunca parte verdadeiramente da empiria, existindo sempre uma matriz de leitura da realidade, tal como é argumentado por Almeida e Pinto (1986)

Apesar disto, a relação próxima com o objecto empírico desde o início do trabalho de investigação pressupõe uma abertura maior do que no caso de uma investigação extensiva. É essa situação particular que facilita a ruptura com o senso comum na medida em que, sobretudo na sua fase inicial em que se reveste de uma função mais exploratória, o contacto com o terreno desafia os preconceitos (morais, ideológicos e mesmo teóricos) do investigador (Bertaux; 1997:47) (Silva; 1986:51-52).

Para prosseguir a descrição da abordagem metodológica é necessário voltar à natureza do objecto de estudo e às referências teóricas que nos guiaram inicialmente. Ao estudar-se os factores que conduzem à construção de percursos divergentes para a vida adulta, é quase implícito que temos de considerar os indivíduos na sua dimensão diacrónica. Esse tipo de abordagem surge também na sequência do que é entendido por Lahire acerca da variação das disposições. Estas não são entendidas como elementos fixos na vida de um indivíduo, mas antes como aspectos dinâmicos. Nas palavras do autor: *“Os actores não são feitos de um só pedaço, mas pelo contrário são colagens compostas, complexos matizados de disposições (para agir e para crer) mais ou menos fortemente constituídos. Isso não significa que sejam “sem coerência”, mas sim sem princípio de coerência único de crenças (modelos, normas, ideais, valores...) e de disposições para agir.”* (Lahire; 2003:32).

Neste sentido, pretendíamos captar variações inter-individuais e intra-individuais relativas aos percursos escolares, profissionais e de contexto familiar, embora nesta dissertação nos tenhamos centrado na dimensão profissional. Para analisar os diferentes percursos foi necessário reconstitui-los. A realização de entrevistas, através das quais os indivíduos são chamados a estruturar narrativamente os seus percursos, afigurou-se como a opção metodológica mais eficaz.

De acordo com Bertaux (1997), a entrevista etnosociológica aplica-se a dois tipos de situações: os mundos sociais e as categorias de situação<sup>6</sup>. Os mundos sociais constroem-se em torno de uma actividade específica, como por exemplo no caso de uma actividade profissional. A hipótese central da perspectiva etnosociológica é que as lógicas que regulam o conjunto do mundo social ou mesocosmos estão igualmente em funcionamento (são portanto também observáveis) em cada um dos microcosmos que o compõem (Bertaux; 1997:14). Apesar de neste livro o autor não explicar com total clareza esta definição, podemos arriscar-nos a entender os mundos sociais enquanto espaços de relações sociais e que podem abranger

---

<sup>6</sup> O autor refere ainda as trajectórias sociais, mas pelo menor grau de aplicabilidade referido pelo autor assim como pela menor proximidade ao caso aqui apresentado, referimos apenas estes dois tipos.

eles próprios outros espaços mais pequenos de relações sociais. As categorias de situação dizem respeito às situações que comportam constrangimentos e lógicas de acção que apresentam traços comuns ou são apreendidas através de esquemas colectivos ou relacionadas com uma mesma instituição (1997: 15). Importa nestes casos conhecer os mecanismos pelos quais os indivíduos se encontram numa mesma situação.

A investigação a que esta dissertação se reporta, e que partilha a sua concepção metodológica com a pesquisa “Quantos Caminhos Há no Mundo? Transições para a Vida Adulta num Bairro Social”, na medida em que se trata de considerar alguns perfis-tipo de transição para a vida adulta, caracterizados por situações diferentes de percurso escolar e de inserção laboral, pode-se situar como no âmbito do estudo das categorias de situação. Com base na reconstituição dos trajectos dos indivíduos foi possível observar os mecanismos envolvidos no seu processo de inserção laboral.

A técnica de recolha empírica privilegiada decorre da abordagem metodológica geral definida anteriormente. Pretende-se conhecer com alguma profundidade os trajectos de jovens no domínio da inserção profissional, sem esquecer a sua ligação aos domínios da família e da escola. Reconstituíram-se estes trajectos a partir de formas narrativas que evidenciam a relação entre acontecimentos relevantes nos três domínios referidos. A realização de entrevistas partiu por isso de um guião elaborado segundo essas dimensões de análise, por um lado obedecendo a uma estrutura que mantenha direccionada a entrevista para os objectivos da pesquisa e, por outro, permitindo a liberdade suficiente para que o entrevistado possa recriar narrativamente uma sequência de eventos.

O guião de entrevista, para além de se referir às três dimensões de análise relevantes para o estudo, incluiu, para cada uma, vários aspectos considerados pertinentes do ponto de vista teórico, cuja recolha empírica importava garantir, de forma a que por um lado se obtivessem os dados pretendidos e, por outro, que esses dados fossem comparáveis entre sujeitos. As perguntas deste guião não eram, no entanto, questões de entrevista. Pretendíamos uma estrutura narrativa pelo que foi necessário dar ao entrevistado a liberdade de manter um discurso contínuo e relacionado entre si e isso torna-se impossível se este for questionado sequencialmente de acordo com um guião. Podemos, de acordo com esta descrição, classificar a técnica utilizada como entrevista semi-directiva de tipo relato de vida (Albarello et al.; 1997:87-88).



Tendo-nos anteriormente reportado ao método etnosociológico proposto por Bertaux como principal referência metodológica, importa considerar a técnica utilizada em relação com o que foi dito anteriormente. Esta perspectiva propõe a utilização de “histórias de vida”. Esta técnica, contudo, não é entendida pelo autor enquanto história total do indivíduo (Bertaux; 1997:31). Ela pode ser aplicada tendo em consideração os “domínios de existência” que são pertinentes para o estudo em causa e constitui, para além disso, uma técnica especialmente adequada para dar conta da articulação entre os vários domínios de existência que se pretende estudar. Parece-nos assim que, dado o objectivo de nos centrarmos nas modalidades de inserção profissional em articulação com outros domínios de análise, a técnica proposta por Bertaux se adequa ao pretendido.

Outro elemento adoptado da proposta do autor é o do estatuto dos “relatos de vida” enquanto objectivadores de práticas e não apenas de representações. Ou seja, o objecto de estudo empírico não é apenas o das representações dos jovens acerca dos seus trajectos (que também poderão ser importantes), mas as práticas que estruturaram esses trajectos. Isto implica que, mesmo tendo em conta que existem vários factores pessoais e sociais que condicionam o discurso do entrevistado acerca das suas práticas e as dos sujeitos relevantes para a sua narrativa (dos quais não se excluem os imputáveis às relações sociais de observação presentes na situação do entrevistado face ao entrevistador), aceita-se que esse discurso revela efectivamente as práticas<sup>7</sup> dos entrevistados.

Isto não implica que se aceite como verdade tudo o que é dito pelos entrevistados, até porque a comparação entre as várias entrevistas e o recurso a outras informações revelou algumas contradições. Mas tendo em conta que não é possível, neste caso, observar as próprias práticas que construíram os trajectos familiares, escolares e laborais dos sujeitos, é necessário assumir uma atitude que mantenha a atitude crítica indispensável para que o trabalho de investigação não seja uma reprodução dos discursos dos sujeitos, mas que possibilite a observação das práticas através desses discursos. Essa atitude crítica (ou pelo menos cautelosa) esteve presente no momento de análise de cada entrevista, e na comparação entre os diversos entrevistados.

Posicionando-se, como já foi referido, numa perspectiva intensiva, esta investigação não pretendia verificar a ordem de grandeza de determinado fenómeno. A questão da

---

<sup>7</sup> Apesar das diferenças, o mesmo tipo de condicionalismos e de pressuposto epistemológico, estão presente nos estudos sobre representações. Em certos casos, revelar certo tipo de opiniões pode ser suficientemente constrangedor para que o entrevistado as omita ou “minta” afirmando outras mais consensuais ou coerentes com a sua percepção do que é aceitável no contexto da entrevista.

representatividade estatística, neste caso, não se colocava. O aspecto central a ter em conta na constituição da amostra foi o da diversificação das situações. A validade dos resultados e a generalização dos mesmos foi possível pela exaustividade das situações relevantes consideradas. Assim, no caso concreto, procurámos obter o máximo de diversidade para cada perfil-tipo definido, de forma a tornar detectáveis os mecanismos sociais que se manifestam em contextos de socialização diferentes.

A constituição de uma amostra neste âmbito é realizada através de critérios de diferenciação. É importante diferenciar características que, de acordo com as referências teóricas implicadas, podem ter relevância sociológica. Trata-se por isso de definir algumas variáveis. Este é um dos aspectos em que se pode identificar uma função de comando da teoria no sentido que refere Silva (1986). A escolha das variáveis tem implicações no tipo de inquiridos seleccionados, condicionando os resultados. Logo, esta escolha tem de ser explicitada, de forma a evidenciar bem a perspectiva de partida do investigador. Sem uma explicitação deste aspecto, como aliás de outras questões metodológicas importantes, uma investigação fica ferida de falta de cientificidade, uma vez que não se expõe à crítica. Se os fenómenos são apreensíveis de acordo com a perspectiva em que são lidos, então é necessário que essa perspectiva, que está sempre presente por mais empirista que seja a posição do investigador, seja evidente.

Consideraram-se para efeito de diferenciação da amostra algumas variáveis clássicas como o sexo e a idade, por serem “*contextos de socialização produtores de diferenças, qualquer que seja o tema abrangido pelo estudo*” (Albarello et al.; 1997:104). O conhecimento prévio acerca do contexto social específico permitiu estruturar outro tipo de variáveis como variáveis estratégicas. Assim, na medida em que estamos perante um contexto em que a maior parte das pessoas é de origem africana, e que a etnicidade revelou ter algum papel diferenciador ao nível dos percursos escolares,<sup>8</sup> considerou-se esta variável em duas categorias (origem portuguesa e origem africana). Distinguiu-se o tipo de trajecto, de acordo com os dois perfis-tipo já referidos anteriormente: por um lado situações de mais elevada escolaridade e trajectos profissionais mais qualificados e de maior integração e, por outro, casos de menor escolaridade e maior instabilidade na inserção profissional.

---

<sup>8</sup> De acordo com os dados do inquérito apesar da taxa de reprovação acumulada ser muito próxima entre jovens de origem europeia e jovens de origem africana, estes últimos abandonam mais cedo o sistema de ensino, o que tem consequências ao nível dos seus percursos profissionais.

Outro aspecto importante na definição da amostra é a sua grandeza. A quantidade de indivíduos a inquirir relaciona-se com a diversidade de situações encontradas. Pretendíamos obter uma amostra heterogénea, por um lado, mas era preciso garantir que essa heterogeneidade fosse representativa, não no sentido estatístico, mas no sentido da sua exaustividade. Considerou-se que a amostra estava constituída quando as entrevistas deixaram de acrescentar diversidade ao conjunto dos dados obtidos. Este momento, habitualmente designado por nível de saturação, depende da heterogeneidade da população de referência. Quanto maior esta for mais indivíduos é necessário entrevistar para atingir esse nível de saturação. Entrevistámos 20 pessoas, garantindo alguma diversidade para os critérios considerados (ver anexo C).

Tendo já sido iniciados alguns contactos com organizações que desenvolvem actividades no bairro, optou-se por recorrer em primeiro lugar a estas no sentido de indicarem jovens residentes em Casal da Boba. A presença no bairro de uma equipa de facilitadores que procura ajudar a população a resolver situações relacionadas com escolaridade, empregabilidade, saúde, etc., constituiu um importante recurso do ponto de vista do primeiro contacto com os jovens a serem entrevistados, tendo alguns destes posteriormente facultado o contacto de outros jovens de acordo com um padrão de tipo “bola de neve”.

## **5) O bairro e os jovens**

### **5.1 O bairro**

O bairro de Casal da Boba é uma urbanização criada por iniciativa da Câmara Municipal da Amadora com o objectivo de alojar agregados provenientes na sua maioria de bairros de barracas do concelho. Começou a ser habitado em 2001, tendo mais de metade da sua população começado a morar ali entre 2001 e 2002. Outra parte significativa vive ali desde 2003. Apesar de ser oriunda de vários bairros do concelho, como as Fontainhas, 6 de Maio ou Alto dos Trigueiros, a população de Casal da Boba é socialmente muito homogénea. Grande parte desta população (64,3%) partilha a origem africana, sendo Cabo Verde o principal local de nascimento fora de Portugal. Apesar disto a percentagem de estrangeiros não chega a um quarto da população total, porque muitos adquiriram a nacionalidade ao longo dos anos e os seus filhos, já nascidos em Portugal, obtiveram-na automaticamente.

Tal com acontece com muitos contextos locais urbanos a estrutura etária de Casal difere muito da do total da população portuguesa: tem mais jovens e também menos idosos. As faixas etárias da infância e da juventude correspondem a mais de metade da população (perto dos 60%), pouco menos que os indivíduos em idade activa (dos 15 aos 65 anos, cerca de 65%). Quase 80% da população não tem mais de 44 anos de idade. A faixa etária entre os 15 e os 29 anos corresponde a 30,6% da população do bairro.

**Quadro 1 – População do bairro segundo origem a origem étnico-racial e a idade (percentagens em coluna)**

Idade	Origem		Total
	Africana	Europeia	
Menos de 15 anos	31,1	15,5	<b>26,0</b>
15 - 64 anos	60,7	72,7	<b>64,6</b>
65 ou mais anos	8,3	11,8	<b>9,4</b>
Total	100,0	100,0	<b>100,0</b>

As características demográficas do bairro estão ligadas à origem migratória de grande parte desta comunidade. A população de origem africana é mais jovem do que a de origem europeia, e essa diferença verifica-se sobretudo na base da pirâmide. Alguns dados podem ajudar a explicar essa grande percentagem de jovens. Os percursos migratórios são realizados em idade fértil e a grande vaga de migração proveniente de Cabo Verde ainda não tem o tempo de sedentarização necessário para que já exista um número elevado de idosos. Por outro lado, as famílias são mais numerosas do que entre a população portuguesa em geral, em muitos casos porque o número de filhos é também comparativamente maior. Não dispomos de indicadores directos sobre o número de filhos, mas podemos fundamentar essa afirmação com base na caracterização dos agregados familiares.

A dimensão média dos agregados é de 3,5 elementos em Casal da Boba, enquanto a média em Portugal é de 2,8<sup>9</sup>. As famílias com duas a três pessoas representam quase metade dos agregados (42,4%), e as famílias com quatro ou mais pessoas chegam aos 45,2%. Os casais com filhos são o tipo de agregado mais frequente (36%) mas existem também muitas situações de monoparentalidade que, com ou sem outras pessoas para além do progenitor e filhos, correspondem a 31,6% dos agregados<sup>10</sup>. A existência de outras pessoas no agregado,

<sup>9</sup> Fonte: INE, Censos 2001.

<sup>10</sup> As situações de monoparentalidade são sobretudo de monoparentalidade feminina. O agregados compostos apenas por mães com filhos constituem 22,7%, mas passam a 29,2% se considerarmos os agregados compostos por mãe com filho(s) e outra(s) pessoa(s).

sobretudo familiares próximos, não explica, por si só, a sua maior dimensão. Se retirarmos da amostra estes casos em que existem outras pessoas (representam 22% dos agregados), a média de indivíduos por agregado desce para 3,1 mantendo-se acima da média nacional, o que comprova a ideia de que a pirâmide de idades em Casal da Boba é também afectada pelo factor número de filhos.

As entrevistas realizadas apontam pistas para explicar o elevado número de casos de monoparentalidade. As separações são sem dúvida uma delas, mas não a única. Verificou-se que entre os entrevistados existia um número elevado de casos de morte de um dos pais, o que constituiu um resultado inesperado da pesquisa realizada (Machado e Silva; 2008). Outra pista é a mobilidade geográfica relacionada com motivações profissionais, como a continuação de percursos migratórios. Através das entrevistas encontramos vários casos, sobretudo de homens, que estavam ou estiveram ausentes do agregado doméstico em trabalho, seja em deslocações semanais ou em períodos mais longos. Por vezes essas deslocações implicaram percursos de emigração para outros países.

Dois aspectos fundamentais da caracterização do contexto social que aqui realizamos são os recursos escolares e a estrutura socioprofissional da população de Casal da Boba. Do ponto de vista das dinâmicas de reprodução social estes factores influenciam os percursos de transição para o mercado de trabalho dos jovens do bairro. Como iremos verificar é uma população fracamente escolarizada e que exerce predominantemente profissões pouco qualificadas.

**Quadro 2 – Nível de ensino atingido em Casal da Boba e na Grande Lisboa em indivíduos com 10 ou mais anos (percentagens em coluna)**

Nível de ensino atingido	Casal da Boba *	Grande Lisboa **
Nenhum	10,4	5,8
1º Ciclo	26,6	27,7
2º Ciclo	23,1	10,5
3º Ciclo	26,1	12,6
Ensino secundário	11,4	23,8
Ensino médio e superior	2,5	19,6
Total	100,0	100,0

\* Fonte: INE, Censos 2001

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Considerando a população com 10 ou mais anos, para reduzir a distorção causada pela população infantil, verifica-se que apenas 13,9% dos inquiridos frequentam ou frequentaram pelo menos o ensino secundário, o 1º ciclo do ensino básico é o grau de ensino mais frequente

e existem 10,4% de indivíduos que não o chegaram a frequentar (dos quais a grande maioria tem 30 ou mais anos).

A comparação com a Grande Lisboa<sup>11</sup> mostra que esta população tem uma dupla desvantagem: é maior a percentagem dos que não têm qualquer grau de ensino e menor a dos que atingiram níveis de escolaridade mais avançados. Estes baixos níveis de escolaridade traduzem-se no perfil socioprofissional. Antes de considerarmos a análise desse perfil tendo por base a Classificação Nacional de Profissões, vejamos melhor alguns indicadores prévios.

**Quadro 3 – Principal meio de vida da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna)**

Principal meio de vida	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Trabalho	36,7	39,4	<b>38,1</b>
Subsídio de desemprego	1,7	2,8	<b>2,2</b>
Pensão de reforma	7,0	8,3	<b>7,6</b>
A cargo da família	50,7	44,7	<b>47,6</b>
Outra situação	3,9	4,8	<b>4,5</b>
Total	100,0	100,0	<b>100,0</b>

Como o elevado número de jovens fazia prever, existe um grande número de pessoas que vivem a cargo da família, o principal meio de vida, ao qual se segue o trabalho. A pensão de reforma é a outra categoria com valores significativos, todas as outras têm valores muito baixos. Especialmente surpreendente é a reduzida percentagem de beneficiários do subsídio de desemprego, tendo em conta que a taxa de desemprego é aqui de 23,7%, mais do triplo da que se registava no mesmo segundo semestre de 2006 a nível nacional (7,3%). Na verdade grande parte destes desempregados vivem a cargo da família, o que se relaciona provavelmente com o carácter precário das profissões em que muitos residentes estão empregados e que, seja pela grande instabilidade ou pela sua informalidade, por vezes, não garantem o direito ao subsídio de desemprego.

Outra leitura interessante a partir deste indicador é o grande equilíbrio que existe entre sexos, sendo a importância do trabalho como meio de vida até ligeiramente maior entre as mulheres. No que respeita à principal condição perante o trabalho, é ligeiramente maior o número de mulheres que exercem profissão e ligeiramente maior a percentagem de homens desempregados. Estas diferenças são de sinal contrário relativamente ao que se passa na Grande Lisboa. Qual a razão para esta atípica desvantagem dos homens no mercado de

<sup>11</sup> A comparação é apenas possível tendo por base os CENSOS 2001, mas as diferenças que poderão existir para 2006 deverão ser no sentido positivo acentuando assim as diferenças aqui referidas entre Casal da Boba e a Grande Lisboa.

trabalho? Num estudo sobre jovens descendentes de imigrantes africanos em que também se verificou essa inversão da desvantagem é apontada uma selectividade de género que actua ao nível dos sectores de actividade em que esta população se insere privilegiadamente, os homens mais na construção civil e as mulheres mais nos serviços. *“Além da natureza desregulada do sector da construção civil, que torna objectivamente o desemprego num risco quase quotidiano, os filhos de imigrantes – que têm acesso fácil a esse sector se quiserem –, rejeitá-lo-ão mais do que as filhas rejeitarão os empregos a que têm acesso igualmente fácil, e cairão, também por esse lado, em situações mais frequentes de desemprego intermitente.”* (Machado; 2008:142).

**Quadro 4 – Principal condição perante o trabalho da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna)**

Principal condição perante o trabalho	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Apenas estudante	35,8	27,8	<b>31,7</b>
Trabalhador/a estudante	0,7	1,0	<b>0,8</b>
Exerce uma profissão	37,0	39,9	<b>38,5</b>
Desempregado/a	12,1	11,9	<b>12,0</b>
Não trabalha/não procura	1,2	1,4	<b>1,3</b>
Ocupa-se das tarefas domésticas	0,5	4,8	<b>2,7</b>
Reformado/a	8,1	9,0	<b>8,6</b>
Outra situação	4,4	4,3	<b>4,4</b>
Total	100,0	100,0	<b>100,0</b>

Vamos conhecer melhor o tipo de inserção profissional dos residentes do bairro. Em primeiro lugar diga-se que a quase totalidade dos que exercem profissão são trabalhadores por conta de outrem. Vejamos a distribuição da população empregada segundo a profissão principal e o sexo no quadro 5.

É uma distribuição característica de uma população urbana e com um perfil de classe associado ao operariado e terciário de execução.<sup>12</sup> As profissões mais frequentes são as que não implicam um elevado nível de qualificações como o “pessoal dos serviços e vendedores” (28,8%) e os “trabalhadores não qualificados dos serviços” (27,6%) sendo quase inexistentes os “directores e quadros dirigentes”, as “profissões intelectuais e científicas” e os “técnicos e profissionais intermédios” que juntos correspondem apenas a 2,8% dos indivíduos inquiridos.

Na comparação por sexo encontramos a confirmação da pista avançada para a desvantagem masculina, os homens estão muito concentrados no sector da construção civil,

<sup>12</sup> Segundo a tipologia ACM (Costa et al.; 2000)

um sector onde a informalidade nas relações laborais está muito arraigada e no qual a períodos de trabalho se podem seguir períodos de paragem. Sem um enquadramento contratual favorável é possível que muitos dos que trabalham neste sector fiquem mais dependentes da família nos períodos de paragem e sem direito ao subsídio de desemprego. Do lado das mulheres vemos que os serviços são o sector que absorve a grande maioria da população empregada. É um dado que se insere perfeitamente na evolução da conjuntura de mercado de trabalho da Grande Lisboa, em que se registou uma expansão da oferta do mercado de trabalho nos serviços, sobretudo em profissões tradicionalmente femininas, como as empregadas de limpeza em empresas especializadas, ou empregadas em lojas e estabelecimentos de hotelaria. Estas profissões são, em comparação com a desregulação endémica do sector da construção, mais estáveis e mais sujeitas a vínculos contratuais formais.

**Quadro 5 – Profissão principal da população do bairro segundo o sexo (percentagens em coluna)**

Profissão principal	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Pessoal administrativo	3,8	5,1	<b>4,5</b>
Pessoal dos serviços e vendedores	10,9	44,0	<b>28,8</b>
Trabalhadores não qualificados dos serviços	8,2	44,0	<b>27,6</b>
Trabalhadores industriais e dos transportes	17,5	4,6	<b>10,5</b>
Trabalhadores da construção civil	37,7		<b>17,3</b>
Trabalhadores não qual. da construção civil	14,8		<b>6,8</b>
Outras profissões	7,1	2,3	<b>4,5</b>
Total	100,0	100,0	<b>100,0</b>

Na comparação com a Região de Lisboa (NUTS II) notam-se visivelmente as diferenças entre as duas populações no que respeita à qualificação das profissões que exercem. No Casal da Boba é quase o dobro o “pessoal dos serviços e vendedores”, são mais do dobro os “trabalhadores não qualificados” e estão quase ausentes os quadros superiores, dirigentes, especialistas e profissionais intermédios. É uma população urbana sim mas não está em pé de igualdade com a Região de Lisboa. Já referimos que é composta sobretudo por agregados provenientes de bairros de barracas do concelho da Amadora. As razões desta desigualdade não são o tema deste trabalho mas a procurarem-se terá de se considerar os percursos que levaram estas populações a ocupar as casas abarracadas onde viviam. Os baixos rendimentos provenientes das profissões que exerciam à chegada a Portugal e a ligação dos seus percursos a redes migratórias poderão ter propiciado a fixação em comunidades étnicas. Mas nem todos são migrantes, como já se explicou, e as relações entre dinâmicas económicas,



mercado de trabalho e especialização territorial (aqui como segregação espacial) terão de ser equacionadas nessa explicação.

**Quadro 6 – População empregada segundo a profissão principal na Região de Lisboa e em Casal da Boba (percentagens em coluna)**

Profissão principal	NUTS II – Lisboa*	Casal da Boba**
Pessoal administrativo e similares	13,4	4,5
Pessoal dos serviços e vendedores	15,8	28,8
Operários industriais, da const. civil e outros	19,7	27,8
Trabalhadores não qualificados	12,5	34,4
Outras profissões	38,6	4,5
Total	100,0	100,0

\* Fonte: INE, Inquérito ao Emprego, 2º trimestre de 2006

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Traçada esta caracterização geral do contexto sócio-demográfico do bairro, podemos agora partir para a análise da situação dos jovens já com algumas pistas acerca do meio social em que se movimentam. Sabemos que existe uma grande proporção de pessoas com passado migratório. É uma população jovem e os agregados são numerosos. Os indicadores de escolaridade fazem anteciper uma difícil integração no mercado de trabalho, confirmada pelos dados relativos à condição perante o trabalho e profissão principal. Estão muito concentrados no sector da construção civil, os homens, e nos serviços, as mulheres, e convivem proximamente com experiências de desemprego. Não conhecemos os seus rendimentos mas presumimos serem baixos pelo tipo de profissões que exercem. É um quadro que põe à partida os jovens deste meio em clara desvantagem face aos seus congéneres da Região de Lisboa em geral, quer na escola, quer no mercado de trabalho, mas também na estabilidade familiar, como pudemos verificar pelas entrevistas. Poderíamos anteciper que estas desvantagens de partida dos jovens serão convertidas em situações de facto. É assim na maioria dos casos, mas não em todos como poderemos ver de seguida.

## **5.2 Os jovens: considerações prévias à análise**

Neste capítulo começamos por fazer uma análise de indicadores de caracterização sócio-demográfica relativamente aos jovens para posteriormente nos centrarmos nos indicadores de escolaridade e inserção profissional.

Vimos que existe uma presença forte de origens migratórias em Casal da Boba. Começamos então por situar os jovens do ponto de vista das origens geográficas e do seu estatuto legal em Portugal. A maioria dos jovens é de origem africana (65,4%), mas são muito menos os que não nasceram em Portugal (13,2%) ou que não têm nacionalidade portuguesa (17%). Existem contudo alguns jovens (6,2%) que, apesar de terem nascido em Portugal, não têm a nacionalidade portuguesa. A maior parte dos que têm nacionalidade estrangeira possui título de residência permanente, havendo ainda 18,6% que têm um título de residência temporária.

Constatámos anteriormente que a população de Casal da Boba é jovem, mas os próprios jovens de Casal da Boba são mais jovens do que a generalidade dos portugueses entre os 15 e os 29 anos. Entre as três faixas etárias consideradas aqui para análise (15-19 anos, 20-24 anos, 25-29 anos) existe algum equilíbrio e são os que estão entre os 15 e 19 anos que têm maior peso entre a população jovem do bairro, situação que diverge da estrutura etária da generalidade dos jovens portugueses, em que, segundo as Estimativas Anuais da População Residente do INE para 2006, existe uma diferença de sentido contrário maior entre os mais velhos (38,5%) e os mais novos (28,5%).

Outro aspecto digno de nota é a distribuição por sexo. Existe uma diferença de quatro pontos percentuais no grupo dos mais jovens e no grupo dos mais velhos. São comparativamente mais homens no primeiro e mais mulheres no segundo.

**Quadro 7 – Jovens do bairro e jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna)**

Grupo etário	Jovens de Casal da Boba*			Jovens em geral**
	Masculino	Feminino	Total	
15 aos 19 anos	38,1	34,3	36,2	28,5
20 aos 24 anos	31,0	29,9	30,4	33,0
25 aos 29 anos	31,0	35,8	33,5	38,5
Total	100,0	100,0	100,0	100

\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

\*\* Fonte: INE, Estimativas Anuais da População Residente, 2006

O peso dos mais novos é um factor que condiciona algumas variáveis quando analisadas relativamente à globalidade dos jovens em Casal da Boba. Por vezes, alguns fenómenos circunscritos a determinado escalão etário afectam os valores considerados para os jovens dos 15 aos 29 anos no seu conjunto. Por estes dois motivos, em certas variáveis, é importante diferenciar escalões etários.

Na conjugalidade, por exemplo, há uma diferença de dez pontos entre a percentagem de solteiros nos jovens do bairro (78,5%) e nos jovens em geral (71,8%). Distinguindo

escalões etários vemos que, entre os 15 e os 19 anos, a percentagem de solteiros chega aos 100% nos jovens no bairro e aos 97% nos jovens em geral. Entre os 25 e os 29 anos os solteiros são apenas 46% entre os jovens do bairro e 43,9% entre os jovens em geral, tendo este valor último valor vindo a aumentar (Ferreira, 2006: 42). Nestes dois escalões etários as diferenças são pequenas. É entre os 20 e os 24 anos que as diferenças são maiores, havendo 88,6% de solteiros entre os jovens do bairro e 78,2% entre os jovens em geral.

Entre os jovens de Casal da Boba a conjugalidade só é significativa a partir dos 20 anos, no caso das uniões de facto, e a partir dos 25 anos, no caso dos casamentos. Mas a união de facto é sempre a forma de conjugalidade mais comum: os jovens que estão em união de facto são o dobro dos que estão casados. Neste aspecto a sua situação é oposta à dos jovens em geral, em que a percentagem de casados continua a superar a das uniões de facto.

### **5.3 Os jovens e a escola**

Apesar do aumento da escolaridade obrigatória para o 9º ano em 1986 e da evolução positiva de grande parte dos indicadores de escolaridade do qual se destaca o aumento da procura de licenciaturas registado nas últimas décadas, Portugal continua a ocupar uma posição desfavorável entre os seus pares da União Europeia ao nível da escolaridade. Destacam-se a este nível a proporção significativa de alunos com maus resultados escolares e a dos que abandonam o sistema de ensino antes de concluírem a escolaridade obrigatória (Guerreiro e Pegado, 2006: 17). Até mesmo o número de licenciados, contrariando a noção de senso comum de que Portugal seria um “país de doutores”, era no contexto europeu, em 2002, segundo o Labour Force Survey, comparativamente deficitário, sendo apenas ultrapassado no contexto regional de 15 países pela Itália (Guerreiro e Pegado, 2006: 32). Assim, se os jovens são hoje globalmente mais escolarizados dos que os seus pais, continuam a existir contextos sociais em que, apesar dessa vantagem geracional, persistem factores que dificultam a aquisição de capitais escolares e, conseqüentemente, limitam as possibilidades de mobilidade profissional ascendente.

Como vimos no ponto 5.1, em Casal da Boba estão bem presentes alguns factores que condicionam a aquisição de capitais escolares por parte dos jovens, como a escolaridade baixa da população com 30 ou mais anos (em que se encontram os pais destes jovens) ou as origens de classe em que predominam os operários e os empregados executantes. Estes factores não impedem que os jovens sejam, à semelhança do que acontece na população portuguesa, mais

escolarizados do que os mais velhos. Não dispondo de dados especificamente respeitantes aos pais dos jovens que nos permitam fazer uma comparação directa entre a escolaridade de pais e filhos, utilizamos aqui uma comparação entre a geração dos 15 aos 29 anos com a população acima desta idade.

No quadro 8 é possível verificar essa diferença geracional. Enquanto que a maioria dos adultos estudou apenas até ao 2º ciclo, entre os jovens a proporção dos que atingiram no máximo esse nível de escolaridade é de menos de um terço. Entre os jovens mais velhos e os mais novos existem também diferenças importantes. Os mais novos não têm evidentemente ainda idade para estudarem no ensino superior, mas são os que atingiram níveis de escolaridade mais elevados. Este dado mostra que a tendência para maior escolarização faz-se sentir entre as gerações mais novas, embora não seja forte o suficiente para haver convergência dos jovens do bairro com os jovens em geral, como iremos verificar de seguida.

**Quadro 8 – Nível de escolaridade atingido pela população do bairro segundo a idade (percentagens em coluna)**

	15 aos 19	20 aos 24	25 aos 29	<b>15 aos 29</b>	<b>30 ou mais anos</b>
Nenhum		1,3		<b>0,4</b>	<b>11,6</b>
1º Ciclo	5,4	6,4	7,0	<b>6,3</b>	<b>31,3</b>
2º Ciclo	20,7	24,4	27,9	<b>24,2</b>	<b>21,1</b>
3º Ciclo	45,7	38,5	38,4	<b>41,0</b>	<b>23,5</b>
Ensino secundário	27,2	25,6	18,6	<b>23,8</b>	<b>10,3</b>
Ensino médio e superior	1,1	3,8	8,1	<b>4,3</b>	<b>2,2</b>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Como já foi exposto, as diferenças entre os jovens do bairro e os jovens em geral têm de ser interpretadas tendo em conta dois limites à comparabilidade. Por um lado o carácter urbano da população do bairro, que tende a beneficiar os jovens de Casal da Boba ao nível dos indicadores escolares e de inserção no mercado de trabalho e, por outro, o facto de os de Casal da Boba serem mais jovens do que os jovens em geral. Por este motivo reduzimos em alguns casos o efeito dessas diferenças comparando os dados dentro da mesma categoria da variável que pretendemos isolar.

No quadro 9 compara-se o nível de escolaridade completa dos jovens de Casal da Boba com os jovens em geral dentro de cada escalão etário, de forma a diminuir o efeito de distorção provocado pela diferente distribuição por idades nas duas amostras. O que se verifica é que em todos os escalões etários considerados os jovens em geral são sempre mais escolarizados do que os jovens de Casal da Boba. Nos dois escalões mais altos quase metade

dos jovens em geral completou pelo menos o ensino secundário. Entre os jovens de Casal da Boba, nos mesmos escalões de idade, são bastante menos os que completaram esse nível de escolaridade (11,5% no escalão 20 – 24 anos e 24,5% no escalão 25 – 29 anos).

**Quadro 9 – Nível de escolaridade completo dos jovens em geral e dos jovens do bairro, segundo a idade e o sexo (percentagens em coluna)**

	Jovens em geral*					Jovens de Casal da Boba**				
	15 – 19	20 – 24	25 – 29	15 – 29 H	15 – 29 M	15 – 19	20 – 24	25 – 29	15 – 29 H	15 – 29 M
Nenhum	0,8	1,3	2,0	<b>1,9</b>	<b>1,0</b>	2,2	2,6		<b>2,4</b>	<b>0,8</b>
1º Ciclo	3,8	3,4	7,6	<b>5,6</b>	<b>4,6</b>	15,2	12,8	17,4	<b>17,1</b>	<b>13,5</b>
2º Ciclo	28,9	15,5	25,1	<b>26,0</b>	<b>19,9</b>	46,7	33,3	26,7	<b>39,8</b>	<b>32,3</b>
3º Ciclo	55,9	30,9	20,2	<b>36,2</b>	<b>31,0</b>	34,8	39,7	31,4	<b>31,7</b>	<b>38,3</b>
Ensino secundário	10,5	42,1	24,8	<b>23,5</b>	<b>29,9</b>	1,1	11,5	19,8	<b>8,1</b>	<b>12,8</b>
Ensino médio e superior		6,7	20,4	<b>6,9</b>	<b>13,6</b>			4,7	<b>0,8</b>	<b>2,3</b>
Total	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 61; dados do Inquérito ao emprego de 2004.

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006.

Note-se que no momento de aplicação do inquérito a quase totalidade dos jovens até aos 15 anos estava a frequentar o sistema de ensino. Sabendo que mais de metade (54%) dos jovens que já reprovaram fizeram-no mais do que uma vez e que mais de metade dos jovens (52,3%) não concluíram o 9º ano, pode-se avançar a hipótese de que é sobretudo devido ao grande número de reprovações que existem tantos jovens sem a escolaridade obrigatória.

Por outro lado é também reduzido o número de jovens, mesmo entre os mais velhos, que completaram os níveis de escolaridade mais elevados, o ensino secundário e o superior. Comparando os dois grupos quanto à condição perante o trabalho, nota-se que no escalão etário dos 15 aos 19 anos é ligeiramente maior a percentagem de estudantes entre os jovens de Casal da Boba do que entre os jovens em geral, mas entre os 20 e os 24 anos a percentagem de estudantes entre os jovens em geral é o dobro da existente entre os jovens de Casal da Boba. A saída destes últimos do sistema de ensino a partir dos 20 anos impede que entre os que completam o ensino secundário se formem mais pessoas com qualificações superiores.

A tendência para o prolongamento da escolaridade nos mais jovens é consonante com alguma redução das taxas de retenção e desistência nas escolas que servem o bairro. Os dados fornecidos pelo agrupamento de escolas Miguel Torga mostram que as taxas de retenções e

desistências diminuíram nos últimos anos nos vários níveis de ensino. Apesar disto, mantêm-se ainda em valores superiores aos registados em Portugal. (Ver anexo B)

O que acontece quando os jovens saem da escola? Para os jovens em geral as saídas do sistema de ensino a partir dos 20 anos vêm aumentar sobretudo a percentagem daqueles que exercem profissão, mas o mesmo não se passa com os jovens da nossa amostra. Entre os 20 e os 24 anos essas saídas vêm aumentar sobretudo a percentagem de desempregados e é na faixa dos 25 aos 29 anos que o número de desempregados reduz e aumenta a categoria dos que exercem profissão, aproximando-se dos valores para os jovens em geral. Mantém-se contudo uma proporção elevada de desempregados em comparação com os jovens em geral, que iremos analisar mais à frente.

**Quadro 10 – Condição perante o trabalho dos jovens do bairro e dos jovens em geral, segundo a idade (percentagens em coluna)**

	Jovens em geral*			Jovens de Casal da Boba**		
	15 - 19	20 - 24	25 - 29	15 - 19	20 - 24	25 - 29
Estudante	73,9	32,5	5,9	76,3	15,4	2,4
Exerce profissão	16,9	53,4	80,0	4,3	46,2	74,1
Desempregado	4,0	7,5	6,9	10,8	32,1	20,0
Outras condições	5,2	6,5	7,2	8,6 <sup>13</sup>	6,4	3,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 61; dados do Inquérito ao emprego de 2004.

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Existem assim duas dinâmicas de sentido contrário que actuam nos percursos escolares dos jovens do bairro. Uma tendência de aumento de escolaridade por via do prolongamento dos percursos escolares e redução das reprovações e abandono escolar. Cruzam-se aqui vários factores de âmbito diferente: a propensão, comum às sociedades europeias avançadas, de prolongamento dos percursos escolares e de atraso da entrada no mercado de trabalho; o resultado de acções específicas de promoção da escolaridade no bairro em conjugação com uma orientação para melhores resultados escolares que se verifica no sistema de ensino português. Estes factores dão algum sentido às diferenças entre os jovens e os adultos e entre os jovens mais novos e os jovens mais velhos. Mas, por outro lado, mantêm-se divergências importantes com os jovens em geral: existem mais saídas do sistema escolar antes da conclusão da escolaridade obrigatória e os jovens que permanecem até mais tarde no sistema de ensino tendem a acumular um número de reprovações que não permite a conclusão dos níveis de ensino mais avançados.

<sup>13</sup> Este valor inclui 7.5% de inquiridos que declaram não trabalhar nem procurar emprego.

Os jovens que permanecem na escola para além dos 15 anos, e que são a maioria, não conseguem por vezes sequer concluir a escolaridade obrigatória. As reprovações repetidas impossibilitam-nos de alcançar o ensino secundário e, muito menos, o ensino superior. Apesar disto, vimos que no escalão etário dos 25 aos 29 anos existem cerca de 20% de jovens que atingiram o ensino médio ou superior. Praticamente só nestas idades mais avançadas é que se encontram casos destes. Mais uma vez estão em causa as reprovações mas também algo que é uma característica recente dos percursos de TVA na Europa: a circulação entre sistemas de formação e o mercado de trabalho, já não de forma linear, mas por vezes circular. Os jovens do bairro saem da escola podendo regressar mais tarde, recorrendo, como vários dos entrevistados, a sistemas alternativos de formação, como o RVCC.

As entrevistas efectuadas permitem compreender melhor como se articulam várias dimensões na configuração dos percursos escolares. Encontrámos casos extremos de jovens com o 5º, 6º e até mesmo o 4º ano de escolaridade já fora do sistema de ensino. Nestes casos, as reprovações precoces podem jogar um papel fundamental enquanto elemento de frustração e de confirmação de baixas expectativas escolares que, em conjugação com outros factores, como o assentimento dos pais, os sentimentos de distância face ao universo escolar, a necessidade de obter rendimentos para ajudar a família ou sustentar os próprios consumos, forcem uma saída da escola ainda antes da idade legal. Eventos como a parentalidade precoce ou a morte de um dos pais são também frequentes entre os entrevistados e, em conjugação com outros factores, podem contribuir para uma queda do desempenho escolar e precipitar o abandono escolar.

Outra dimensão joga um papel importante neste processo: o contexto social definido pelo grupo de pares que, conforme identificámos na análise das entrevistas, é muitas vezes fechado e anómico, promotor de um nivelamento descendente (Portes; 1999). Estes grupos de pares são também importantes contextos de socialização que actuam na formação das identidades dos jovens, na regulação das suas práticas. A relevância deste aspecto é posta em evidência quando verificamos que muitas das pessoas com quem os jovens partilham os seus quotidianos são simultaneamente amigos, vizinhos e colegas.

Como vimos o meio social em que se inserem estes jovens é bastante homogéneo: os capitais escolares dos seus pais são baixos, os seus rendimentos também. A disponibilidade para acompanhar os filhos na escola está muito condicionada pelos horários de trabalho, que são muitas vezes longos ou que pelo menos implicam regressos a casa tardios. Foram situações que encontramos muitas vezes nas descrições dos nossos entrevistados. Neste contexto a escola, ao reprovar precocemente e confirmando as expectativas de jovens de que

“não dão para à escola”, como dizia um dos entrevistados<sup>14</sup>, actua selectivamente e dificulta a progressão até níveis de ensino mais elevados.

Mas o que aconteceu aos jovens que chegaram a níveis de escolaridade mais altos? Não tinham as mesmas condicionantes que os outros? Na maior parte dos casos sim, mas jogaram a seu favor outras variáveis. Alguns pais, por exemplo, conscientes da sua dificuldade em acompanhar os filhos, mas vendo na escola uma boa aposta de investimento na mobilidade social destes, recorrem a estratégias de compensação, como a inscrição em escolas fora do bairro, o recurso a explicações, a penalização dos maus resultados escolares limitando os tempos e actividades de lazer do filhos.

Por vezes a escola tem um papel activo no sentido de compensar os fracos recursos das famílias. Em primeiro lugar quando permite uma progressão sustentada dos alunos e não reprova precoce e massivamente destruindo logo à partida qualquer possibilidade de chegar à escolaridade obrigatória até aos 16 anos. Em segundo lugar, algumas escolas, pelo ambiente mais tranquilo e disciplinado que têm, pela maior diversidade social dos seus alunos, pela diversidade da oferta educativa ou mesmo pelo esforço individual de alguns professores, têm uma influência forte na configuração de percursos escolares de alunos que, pelas suas condições familiares estariam, à partida, em desvantagem. Verificámos isto em várias entrevistas.

Outra vertente em que se identifica o papel importante do sistema de ensino é pelo lado da oferta formativa alternativa e de segunda oportunidade, como os cursos de formação com dupla certificação ou o RVCC. São vários os jovens entrevistados que recorreram a estas modalidades para compensarem as suas desvantagens escolares. Por vezes é precisamente a sua dificuldade de integração no mercado de trabalho que os motiva para procurar este tipo de ofertas. Com baixas qualificações escolares estão mais sujeitos à precariedade laboral e a empregos com menores rendimentos associados. O seu regresso à escola implica algumas condições prévias. É necessário ter disponibilidade de tempo para estudar e trabalhar, ou ter uma bolsa de estudo, já que na maior parte dos casos os seus pais não poderão sustentá-los enquanto aguardam que terminem os estudos já depois dos 20 anos.

---

<sup>14</sup> Este entrevistado, o João, disse ainda que a sua mãe “já estava a ver que eu não dava práquilo” o que mostra como as famílias se podem articular de forma negativa com a escola.



## 6) Os jovens e o mercado de trabalho

### 6.1 Modalidades e tempos de início da actividade profissional

Quando e de que forma os jovens entram no mercado de trabalho? Sabemos que em Portugal, tal como em grande parte da Europa, a tendência é para um adiamento do início da inserção laboral e que este adiamento se reflecte também na sua autonomização familiar. Mas sabemos também que existem várias modalidades de transição para a vida adulta. No já citado trabalho de Guerreiro e Abrantes são referidos alguns padrões de transição que não seguem esta tendência. Há jovens que continuam a sair da escola muito novos, começam a trabalhar antes dos 20 anos e têm filhos cedo. Em Casal da Boba parece existir um padrão dominante, mas não único.

**Quadro 11 – Principal meio de vida dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna)**

Principal meio de vida	Jovens em geral*				Jovens de Casal da Boba**			
	15 - 19	20 - 24	25 - 29	15 - 29	15 - 19	20 - 24	25 - 29	15 - 29
Trabalho	20,4	59,3	82,2	<b>68,5</b>	4,3	42,3	72,9	<b>38,7</b>
Subsídio de desemprego	0,8	2,1	2,4	<b>3,2</b>		3,8	5,9	<b>3,1</b>
A cargo da família	76,3	35,3	11,8	<b>12,0</b>	93,5	48,7	15,3	<b>53,9</b>
Outra situação	2,4	3,4	3,7	<b>16,3</b>	2,2	5,1	5,9	<b>4,3</b>
Total	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 69; dados dos Censos 2001

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

**Quadro 12 – Principal condição perante o trabalho dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo a idade (percentagens em coluna)**

Principal condição perante o trabalho	Jovens em geral*				Jovens de Casal da Boba**			
	15 - 19	20 - 24	25 - 29	15 - 29	15 - 19	20 - 24	25 - 29	15 - 29
Estudante	73,9	32,5	5,9	<b>33,6</b>	76,3	15,4	2,4	<b>33,2</b>
Exerce profissão	16,9	53,4	80,0	<b>53,7</b>	4,3	46,2	74,1	<b>38,3</b>
Desempregado	4,0	7,5	6,9	<b>6,3</b>	10,8	32,1	20,0	<b>20,3</b>
Outras condições	5,2	6,5	7,2	<b>6,5</b>	8,6	6,4	3,5	<b>8,2</b>
Total	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 82; dados do Inquérito ao Emprego, 2004

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Um primeiro indicador de que nos podemos servir para considerar a questão dos tempos de entrada no mercado de trabalho é o principal meio de vida. O que sabemos a respeito dos jovens de Casal da Boba neste domínio é que estão bastante próximos dos jovens

em geral. Os mais novos (15 – 19 anos) vivem sobretudo a cargo da família e essa proporção vai diminuindo em função da idade, aumentando por sua vez a percentagem dos que vivem principalmente do trabalho. Contudo, em cada escalão etário a percentagem de jovens que vive principalmente do trabalho é sempre maior do lado dos jovens em geral do que entre os jovens de Casal da Boba. Como se explica a maior dependência familiar destes últimos? Se considerarmos a principal condição perante o trabalho percebemos que no escalão etário mais jovem a dependência familiar está associada ao estatuto de estudante a tempo inteiro, mas o mesmo já não se passa com os jovens que têm entre 20 e 24 anos. Entre estes existem apenas cerca 15% de estudantes a tempo inteiro, mas existe também uma percentagem significativa de desempregados, cerca de 32%. A maior parte destes, à semelhança do que acontece com a grande maioria dos desempregados no bairro, vive a cargo da família. Não temos, a partir destes indicadores, prova de que os jovens de Casal da Boba adiem a entrada no mercado laboral. Na verdade muitos entram na vida activa mais cedo, mas com mais dificuldade e percebemos melhor isso através do material qualitativo que recolhemos.

Uma das primeiras conclusões a retirar das entrevistas a este respeito é que o trabalho, mesmo informal, é uma experiência comum entre os jovens de Casal da Boba ainda enquanto estão a estudar. Quase metade dos jovens que entrevistámos começou a trabalhar antes de ter idade legal para o fazer, alguns após desistirem da escola, outros em simultâneo com a sua actividade estudantil, o que acabou por vezes por constituir um incentivo acrescido ao abandono da escola. A relação entre interrupção do percurso escolar e entrada precoce no mercado de trabalho está bem visível em vários percursos destes jovens, como se pode ver nas duas últimas colunas do quadro do anexo C, que mostram a idade à primeira saída da escola e a idade da primeira actividade profissional.

No panorama geral das tendências de TVA na Europa que traçámos no capítulo 3 referimos um adiamento das transições escola-trabalho (Brannen; 2002:4). A análise das entrevistas mostra uma preponderância de um tipo de transição que contrasta com esta ideia. Trata-se de uma transição mais precoce em vários aspectos, como a passagem à vida activa e a parentalidade, e também mais precária, mais desqualificada e marcada por períodos de desemprego e trabalho informal. Retomando a tipologia de Guerreiro e Abrantes podíamos designá-la por uma transição desestruturante. Não será o percurso de todos os jovens do bairro, e existem casos diferentes entre os nossos entrevistados.

Onde as transições para o mercado de trabalho se aproximam dos jovens em geral é na sua menor linearidade, as tais trajectórias “yô-yô”. Exceptuando um grupo, entre os jovens em geral, que encontra empregos bem remunerados à saída da universidade, a maior parte,

mesmo os mais qualificados, demora até conseguir estabilidade profissional, um objectivo final comum e do qual dependem outros planos como a autonomização familiar e ter filhos. Em Casal da Boba os que prolongaram os seus percursos escolares também vivem este adiamento de planos próximo de uma transição de tipo profissional ou progressiva, para retomar a referida tipologia. O caso da Sofia e do Bernardo, dois entrevistados, são deste tipo. Concluíram o ensino secundário, tiveram vários empregos até alcançarem alguma estabilidade, vivem em casa dos pais e adiam a autonomização familiar para um futuro em que a integração laboral lhes traga a segurança que consideraram necessária.

## **6.2 Efeito do capital social no acesso ao mercado de trabalho**

De acordo com Guerreiro e Pegado (2006), nas sociedades mediterrânicas a falta de apoios públicos formais no acesso ao emprego é compensada por redes informais de suporte “*em geral, baseadas em redes de parentesco e/ou vizinhança*” (2006:21). As entrevistas que realizaram mostram que os jovens têm pouca confiança nas possibilidades de se empregarem através do centro de emprego, preferindo servir-se de contactos informais e redes de suporte, baseadas nos seus círculos de sociabilidade, que funcionam como intermediários, divulgando as oportunidades e até mesmo facilitando o acesso a vagas.

O conceito de capital social, entendido por Bourdieu como “*o agregado dos recursos efectivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento ou reconhecimento mútuo*” (cit. por Portes; 2000:134), é útil para entender este processo. O capital social é constituído pelo tipo de relações e a qualidade e quantidade dos recursos a elas associado. As desigualdades de posse de capital social dão origem a oportunidades muito distintas na esfera do trabalho, reforçando as desigualdades de partida.

No caso dos jovens de Casal da Boba confirma-se este tipo de dinâmica, que é reforçada por um efeito de sobreposição de sociabilidades (mais forte ainda nos bairros em que residiam antes do realojamento) dentro da mesma condição social. Trata-se de um efeito de fechamento social próximo daquele que já referimos como importante na análise dos percursos escolares. As redes informais baseadas no meio residencial, na família, e nas amizades criadas principalmente no contexto do bairro e da escola, têm quase sempre em comum uma condição social desfavorecida e constituem-se como um círculo fechado. O reduzido capital social que essas redes permitem acumular dificilmente pode ser convertido

em oportunidades de mobilidade ascendente. Todos os nossos entrevistados que já trabalharam recorreram uma ou mais vezes a esse tipo de suporte informal para procurar emprego, através de familiares, amigos e vizinhos. Em todos estes casos tratava-se de trabalhos pouco qualificados, concentrados sobretudo na construção civil, limpezas e hotelaria, precisamente o tipo de profissões mais frequentes no bairro de acordo com a caracterização que traçámos inicialmente.

Trata-se de uma desvantagem importante em comparação com os jovens em geral, sobretudo aqueles cuja melhor condição social lhes possibilita acumular um capital relacional mais forte em termos de reconversão em oportunidades de trabalho. Mas é uma desvantagem que pode ser suavizada por alguns factores. Através da aquisição de capitais escolares, sem dúvida, pelo prolongamento da escolaridade ou pelo regresso à formação, mas também pelo próprio papel integrador do mercado de trabalho, que em certas situações permite uma progressão para profissões mais qualificadas e, simultaneamente, o acesso a contactos socialmente mais diversos.

### **6.3 Situação dos jovens no mercado de trabalho**

A quase totalidade dos moradores do bairro que exerce profissão é trabalhadora por conta de outrem e isto acontece para as gerações mais novas como para as mais velhas, sem grande diferenças. Mas há aspectos em que o efeito geração é notório. Bastante mais escolarizados do que os moradores mais velhos, os jovens têm também um acesso mais fácil a profissões mais qualificadas, sobretudo as mulheres, que são comparativamente mais escolarizadas. Já no que diz respeito à probabilidade de ficar desempregado, a situação dos jovens é pior do que a dos adultos e o mesmo se passa relativamente aos vínculos contratuais. Iremos analisar de que forma estes aspectos se relacionam, tendo em conta a situação dos jovens em geral.

Enquanto que a maioria dos homens com 30 ou mais anos são trabalhadores da construção civil (alguns dos quais não qualificados), entre os mais jovens, apesar de continuar a existir um número importante de trabalhadores desta categoria profissional, são bastante menos. Entre as duas gerações verifica-se uma “movimentação” de mão-de-obra da construção civil para outros sectores, principalmente para os serviços. As mulheres, independentemente da idade estão mais ligadas a este sector, mas ainda assim existe uma diferença importante: as mulheres jovens têm, dentro dos serviços, trabalhos mais

qualificados. O “pessoal dos serviços e vendedores”, que corresponde apenas a um terço das profissões das mulheres com 30 ou mais anos, é a situação que em que se encontram quase dois terços das mulheres mais jovens.

Vemos por isso que a tendência para os mais novos ocuparem postos de trabalho mais qualificados corresponde também a uma maior importância dos serviços enquanto sector de oferta de emprego para homens e mulheres, sobretudo para as últimas. O crescimento estrutural do sector económico dos serviços poderá por isso ter facilitado esta mudança em conjugação com o aumento de qualificações.

**Quadro 13 – Profissão principal da população do bairro segundo o sexo e a idade (percentagens em coluna)**

Profissão principal	Homens		Mulheres	
	< 30 anos	>= 30 anos	< 30 anos	>= 30 anos
Pessoal administrativo	1,6	5,2	5,3	5,2
Pessoal dos serviços e vendedores	16,4	7,8	64,5	32,6
Trabalhadores não qualificados dos serviços	16,4	3,4	26,3	53,3
Trabalhadores industriais e dos transportes	19,7	16,4	2,6	5,9
Trabalhadores da construção civil	26,2	43,1		
Trabalhadores não qualificados da construção civil	11,5	17,2		
Outras profissões	8,2	6,9	1,3	3,0
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

**Quadro 14 – Profissão principal dos jovens do bairro e dos jovens em geral segundo o sexo (percentagens em coluna)**

Profissão principal	Jovens em geral*			Jovens de Casal da Boba**		
	H	M	<b>Total</b>	H	M	<b>Total</b>
Pessoal administrativo e similares	7,8	17,5	<b>12,2</b>	1,6	5,3	<b>3,6</b>
Pessoal dos serviços e vendedores	11,9	22,3	<b>16,7</b>	16,4	64,5	<b>43,1</b>
Operários industriais, da const. civil e outros	44,9	18,4	<b>32,8</b>	45,9	2,6	<b>21,9</b>
Trabalhadores não qualificados	12,2	16,2	<b>14,0</b>	27,9	26,3	<b>27,0</b>
Outras profissões	23,3	25,5	<b>24,3</b>	8,2	1,3	<b>4,4</b>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 98; dados dos Censos 2001

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Quando à profissão principal os jovens de Casal da Boba estão também numa situação diferente da dos jovens em geral. Primeiro o “pessoal dos serviços e vendedores” é o grupo mais numeroso, que ocupa quase metade das situações, enquanto que entre os jovens em geral são apenas cerca de 17%. É uma diferença pelo menos em parte esperada, o grupo dos jovens em geral inclui os jovens do interior do país, onde os serviços têm um peso menor. Mas existem outras, são menos os administrativos e os operários, estes últimos devido a um desequilíbrio entre sexos que se deve ao facto de grande parte dos operários em Casal da

Boba trabalhar na construção civil, sector muito masculinizado, enquanto que para os jovens em geral este grupo inclui uma maior diversidade de profissões. Nos grupos dos “trabalhadores não qualificados” e “outras profissões” encontramos uma diferença reveladora: os não qualificados são o dobro em Casal da Boba para ambos os sexos e as profissões mais qualificadas como os “profissionais técnicos e de enquadramento” (incluídas nas outras profissões), tipicamente urbanas, são muito menos no bairro e quase inexistentes entre as mulheres, apesar de estas atingirem níveis de escolaridade mais elevados.

Entre os vários aspectos que condicionam o acesso a uma profissão a escolaridade é sem dúvida um dos mais importantes. No quadro seguinte pode-se ver que, à medida que aumentam os níveis de escolaridade, aumenta o número de jovens com profissões mais qualificadas, como o “pessoal administrativo”, e desce o número de “trabalhadores da construção civil”. Em outras profissões essa relação não é tão clara, pelo que seria necessário discriminar melhor as profissões para confirmar se os mais escolarizados têm profissões mais qualificadas.

Mais uma vez é preciso ter aqui em atenção o efeito de idade. Os jovens mais velhos tiveram mais tempo para procurarem um trabalho mais qualificado, ao mesmo tempo que são também os que completaram níveis de escolaridade mais elevados. Por este motivo é difícil separar o efeito da idade do efeito da escolaridade. Para isso precisaríamos de cruzar estas duas variáveis com a idade, nos três escalões etários, mas isso reduziria demasiado o valor das frequências para que se pudessem tirar conclusões.

**Quadro 15 – Profissão principal dos jovens do bairro, segundo a escolaridade atingida (percentagens em coluna)**

Profissão principal	Até ao 2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino secundário ou mais	Total
Pessoal administrativo		1,8	12,5	<b>3,7</b>
Pessoal dos serviços e vendedores	34,0	52,6	37,5	<b>42,6</b>
Trabalhadores não qualificados dos serviços	25,5	24,6	12,5	<b>22,1</b>
Trabalhadores industriais e dos transportes	8,5	7,0	18,8	<b>10,3</b>
Trabalhadores da construção civil	19,1	8,8	6,3	<b>11,8</b>
Trabalhadores não qualificados da construção civil	10,6	3,5		<b>5,1</b>
Outras profissões	2,1	1,8	12,5	<b>4,4</b>
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Em todo o caso, do ponto de vista do acesso a profissões mais qualificadas, com melhores rendimentos e reconhecimento social associado, o prolongamento dos trajectos escolares parece ter um papel importante no reforço das possibilidades de mobilidade

ascendente. Mas estamos sempre a referir-nos a tendências e probabilidades. Vejamos: os jovens encontram trabalhos mais qualificados, mas estão mais expostos às mencionadas dinâmicas de flexibilização do mercado de trabalho do que os adultos. É uma diferença que partilham com os jovens em geral. De acordo com o Inquérito ao Emprego do INE, o contrato sem termo é a situação contratual mais comum entre os jovens, apesar da tendência para uma redução da sua importância face ao contrato a termo, que abrange todas as idades mas que tem incidido sobretudo nos mais novos (Guerreiro e Pegado; 2006:112-113).

Um contrato sem termo é substancialmente diferente de um contrato a prazo no que respeita às possibilidades de estabilidade laboral, protecção contra o desemprego, doença prolongada e possibilidade de contrair um empréstimo bancário para compra de casa. No trabalho de Guerreiro e Abrantes (2006) verifica-se que o acesso a um contrato deste tipo é um objectivo comum a vários dos jovens entrevistados que dele fazem depender a possibilidade de se autonomizarem da sua família e terem filhos. Encontrámos o mesmo tipo de perspectiva em alguns dos nossos entrevistados, embora exista uma particularidade, que se restringe a apenas a alguns casos, mas que é importante: a parentalidade surge por vezes, sobretudo quando é precoce, antes da concretização de projectos de autonomia familiar baseados na estabilidade laboral.

No quadro seguinte pode-se constatar, por um lado, essa situação de desvantagem em que estão as gerações mais jovens: são menos os que têm contratos permanentes, são mais os que têm contratos a termo; e por outro lado a vantagem das mulheres sobretudo no que respeita às situações de ausência de contrato<sup>15</sup>.

**Quadro 16 – Tipo de contrato da população do bairro segundo a idade e sexo (percentagens em coluna)**

Tipo de contrato	30 ou mais anos	Menos de 30 anos	Jovens Homens	Jovens Mulheres
Contrato permanente	54,5	31,5	30,4	32,4
Contrato a prazo/a termo certo	23,2	46,9	37,5	54,1
Não tem contrato	20,7	20,8	30,4	13,5
Recibos verdes	0,8	0,8	1,8	
Outro	0,8			
Total	100,0	100,0	100,0	100,0

Com menos anos de trabalho, os jovens tiveram menos tempo para consolidar os seus vínculos contratuais. Para além disso, entram no mercado de trabalho num momento em se generaliza a maior flexibilização dos vínculos acompanhada pela “*extensão de formas*

<sup>15</sup> Estas situações representam na amostra quase 70% dos trabalhadores não qualificados da construção civil.

*atípicas de emprego*” (Guerreiro e Pegado, 2006:81-82) o que os torna mais sujeitos a vínculos contratuais menos sólidos como no caso dos contratos a prazo, recibos verdes, ou mesmo a ausência de contrato. Essa maior precariedade ou menor solidez dos vínculos contratuais torna-os especialmente vulneráveis ao desemprego em contextos de menor oferta e, no caso da nossa amostra, especialmente os homens, pelo facto de terem profissões mais desqualificadas e estarem mais concentrados em sectores de actividade como o da construção civil, que pela sua natureza desregulada (Machado, 2008:142) favorece os vínculos informais.

Essa diferença dos jovens face aos adultos pode-se constatar em primeiro lugar pelo facto de que os jovens não estão, apesar das melhores qualificações, em vantagem relativamente ao desemprego. Abaixo dos 25 anos a taxa de desemprego é muito superior à registada para o conjunto da população activa, quer nos homens como nas mulheres. Apenas entre os 25 e os 29 anos se verificam valores ligeiramente abaixo. Também no que diz respeito ao desemprego entre os jovens, os homens estão em desvantagem relativamente às mulheres.

**Quadro 17 – Taxa de desemprego da população jovem e adulta em Portugal e em Casal da Boba segundo o sexo<sup>16</sup>**

	Portugal*			Casal da Boba**		
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total
20 – 24 anos	8,4	12,9	<b>10,5</b>	51,7	35,7	<b>41</b>
25 – 29 anos	4,8	8,5	<b>6,5</b>	21,6	20,9	<b>21,3</b>
15 – 29 anos	7,5	11,8	<b>9,5</b>	40,3	29,5	<b>34,7</b>
30 – 64 anos	4,4	7,5	<b>5,8</b>	16,4	19,4	<b>18</b>

\* Fonte: Guerreiro e Pegado, 2006: 134; dados dos Censos 2001

\*\* Fonte: Inquérito à População de Casal da Boba, 2006

Já referimos que o desemprego é uma experiência muito comum entre a população do bairro. Comparando gerações percebemos que, apesar de tanto os jovens como os adultos estarem muito vulneráveis ao desemprego, os primeiros estão muito pior. É uma tendência que se verifica também a nível nacional: a taxa de desemprego desce à medida que se sobe nos escalões etários. Mas ao contrário do que se passa a nível nacional, a taxa de desemprego é, entre os jovens, menor para as mulheres. São os jovens de sexo masculino entre os 20 e 24 os mais penalizados pelo desemprego.

A escolaridade é um aspecto importante no acesso a profissões mais qualificadas. Mas sabemos que as transições são hoje mais incertas (Guerreiro e Abrantes; 2004) e, por isso,

<sup>16</sup> A população activa no escalão etário dos 15 aos 19 anos é insuficiente na amostra para produzir valores significativos neste indicador.



mesmo a posse de uma licenciatura não garante o acesso à estabilidade laboral e a rendimentos altos. A tendência para vínculos contratuais mais flexíveis afecta mesmo os jovens mais escolarizados. No que diz respeito aos contratos a prazo não há grande diferença, para os jovens em geral, entre os que atingiram o 2º e 3º ciclos ou o ensino secundário (Guerreiro e Pegado; 2006:116). Contudo o contrato sem termo continua a ser o vínculo mais comum em todos os grandes grupos de profissões e em praticamente todos os sectores de actividade, no que respeita aos jovens em geral (Guerreiro e Pegado; 2006:118-119). No Casal da Boba o contrato sem termo abrange apenas cerca de 30% dos jovens que trabalham por conta de outrem e essa percentagem não oscila muito para os diferentes níveis de escolaridade atingida. No entanto, a situação mais precária entre os jovens do bairro e que é muito menos comum entre os jovens em geral é a dos que trabalham sem contrato, e essa situação é muito afectada pela escolaridade. O prolongamento dos percursos escolares aumenta a probabilidade de ter um contrato a prazo, e isso representa uma melhoria muito significativa face à ausência de qualquer vínculo formal.

**Quadro 18 – Tipo de contrato dos jovens do bairro segundo a escolaridade atingida (percentagens em coluna)**

Tipo de contrato	Até ao 2º Ciclo	3º Ciclo	Ensino secundário	Ensino médio e superior	Total
Contrato permanente	30,2	32,7	33,3	28,6	<b>31,8</b>
Contrato a prazo/a termo certo	32,6	49,1	62,5	57,1	<b>46,5</b>
Não tem contrato	37,2	18,2	4,2		<b>20,9</b>
Recibos verdes				14,3	<b>0,8</b>
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	<b>100,0</b>

**Quadro 19 – Taxa de desemprego dos jovens do bairro segundo a escolaridade e idade**

Nível de ensino atingido	20 - 24	25 - 29	<b>15 - 29</b>
Até ao 2º ciclo	59,1	39,3	<b>50,9</b>
3º ciclo	34,6	13,8	<b>29,5</b>
Ensino secundário ou mais	25,0	9,1	<b>13,3</b>

Esse é um aspecto-chave para perceber a situação de precariedade que atinge grande parte dos indivíduos de Casal da Boba. O nível de escolaridade relaciona-se indubitavelmente com a probabilidade de se ficar desempregado. A taxa de desemprego é menor entre os jovens que atingiram níveis de escolaridade mais elevados. No caso dos jovens que têm entre 25 e 29

anos a diferença entre quem atingiu pelo menos o ensino secundário e quem não ultrapassou o 2º ciclo mostra bem a importância da escolaridade neste domínio: é quatro vezes maior a taxa de desemprego para os segundos. Os dados qualitativos mostram também que o desemprego surge por vezes na sequência de demissão por iniciativa do trabalhador. Alguns entrevistados justificam essas saídas com as más condições de trabalho ou as baixas remunerações. Por vezes apontam factores mais ambíguos e subjectivos, como falta de empatia com colegas e patrões, ou estarem “fartos” dos seus trabalhos.

### **7) Factores de mobilidade e reprodução social à escala individual: Retratos Sociológicos**

Temos vindo a articular ao longo deste capítulo a análise do inquérito com dados qualitativos produzidos pelas entrevistas. Neste ponto concentrarmo-nos nos últimos para entender melhor como os vários processos que têm sido referidos se manifestam singularmente nos percursos individuais de TVA. Os retratos que se apresentam de seguida reconstituem cronologicamente esses percursos. É dada uma maior ênfase à dimensão profissional, mas é necessário considerarmos por vezes outras dimensões, a familiar, e sobretudo a escolar, porque são elementos importantes na configuração dos percursos de inserção laboral.

Os oito casos seleccionados estão divididos segundo a mesma tipologia utilizada na investigação “Transições para a Vida Adulta num Bairro Social” em que participámos. Primeiro, os percursos de vulnerabilidade social, aqueles em que a transição para a vida adulta se faz de acordo com lógicas de reprodução social fortes. Nos casos de Luísa, João e Aníbal, enquadrados nesta categoria, a fraca integração profissional e/ou os fracos recursos escolares não permitiram romper com essas dinâmicas de reprodução social, colocando-os face a um campo de possibilidades significativamente mais fechado do que nos restantes casos que apresentamos. Seguem-se os retratos de Bernardo, Armindo e Sofia. São casos de mobilidade ascendente já com alguma consolidação, seja pela integração no mercado de trabalho como pelo capital escolar de que dispõem. Os últimos dois casos, o Óscar e a Neusa, são mais indefinidos. As dinâmicas de reprodução e mobilidade social cruzam-se nestes percursos sem uma tendência clara. São percursos de encruzilhada (Machado e Silva; 2008).

## Luísa

A Luísa nasceu em Lisboa em 1991 quando os pais viviam no bairro das Fontainhas. A mãe, de origem portuguesa, tem o 6º ano. A Luísa não sabe a escolaridade do pai, de origem santomense, que faleceu em 2004.

A Luísa é um dos casos mais exemplificativos de reprovações sucessivas e precoces, que culminam com a sua saída da escola sem concluir o 5º ano. Faltava muito às aulas sem que a escola intervisse de forma eficaz e sem que a sua mãe a conseguisse impedir. **“(…) eu também não ia as aulas e saía sempre no meio do ano, sempre no meio do... do ciclo eu saía e então nunca chegava a aprender nada.”** Não era a única na sua turma que faltava. Alguns dos colegas, que moravam no bairro de Casal da Boba para onde se mudou quando tinha 9 anos, partilhavam as saídas da escola com ela. **“Certas pessoas que eu conheci levaram-me para certos caminhos. Não é porque também me levaram, eu também fui, não é? Eu também fui influenciada, porque eu também era criança... eu não... eu não sabia nada do que eu ‘tava a fazer, se calhar se fosse hoje, não fazia o mesmo (...) Eu não ia às aulas só p’ra ficar com as minhas amigas, para ficarmos a fumar, a fazer isto, dar voltas, estar em casa delas e isso tudo.”**

A morte do pai e a sua gravidez, eventos ocorridos quando tinha apenas 13 anos, ajudaram a precipitar a saída da escola. Ainda voltou a estudar após ter o filho e depois de ter passado algum tempo numa residência de mães adolescentes, mas entretanto começou a trabalhar como empregada de balcão de um café de uma amiga, onde ficou apenas um mês, e no final desse ano desistiu da escola. Voltou a trabalhar em cafés, sempre através de amigos. Por não ter 16 anos a Luísa escondia por vezes a idade e recusava trabalhos com contrato.

Quando aos 15 anos foi morar com o companheiro e pai do filho em Queluz, que tinha conhecido quando ainda morava no bairro das Fontainhas, trabalhou mais uma vez num café, mas teve de sair **“porque o senhor, entretanto veio a saber da minha idade e ficou com medo que os fiscais fossem lá, fizessem uma vistoria porque eu não tinha idade suficiente p’ra trabalhar ali.”** No momento da entrevista a Luísa, já com 16 anos, estava à procura de emprego, mas com grandes dificuldades de encontrar devido à sua fraca escolaridade: **“Também ficou uma doutora [da residência para mães adolescentes] de arranjar-me um curso, não me arranjou nada, diz que não conseguiu nada p’ra mim (...) é... uma que seguiu o meu caso, disse-me que ia arranjar qualquer coisa, mas que não conseguiu porque a minha escolaridade não dá e a minha idade e não sei o quê.”** A Luísa está sob a responsabilidade do Tribunal de Menores devido à sua gravidez: **“O tribunal mandou uma carta para a minha mãe a dizer que eu tenho que me inscrever... no centro de emprego.”**

O seu companheiro tem 35 anos, é de origem santomense e está efectivo como motorista de uma empresa de transportes. É a sua mãe que trata do seu filho, mas está desempregada, assim como o seu irmão e a tia que mora com esta, e os fracos rendimentos da sua família constituem uma pressão adicional para que comece a trabalhar. Apenas considera voltar a estudar no caso de conseguir uma contrapartida financeira.

## João

Os pais do João, ambos de origem portuguesa, viviam no bairro das Fontainhas quando este nasceu em 1989, em Lisboa. É o único filho dessa relação da mãe, mas actualmente o João tem sete irmãos. Quatro raparigas com 21, 20, 18 e 4 anos e três rapazes

com 13, 10 e 1 ano. Apenas dois estão a estudar: um tem 10 anos e está no 4º ano, outro tem 13 anos e está no 5º ano. A mãe tem o 5º ano de escolaridade e está desempregada. O padrasto, cabo-verdiano, tem o 4º ano e é padreiro.

À semelhança da Luísa o João também acumulou reprovações sucessivas (duas vezes logo no 4º ano) e saiu da escola sem a escolaridade obrigatória. Também perdeu o seu pai, quando ainda não tinha dois anos. Mudou para o Casal da Boba em 2004, aos 14 anos. O mau ambiente da escola, as faltas frequentes e as fracas expectativas da sua mãe, que não o incentivou o suficiente para continuar os estudos, foram factores que influenciaram o seu percurso escolar: **“(…) naquela escola... brigas é sempre... e o ambiente também não é bom. Naquela escola, acho que ninguém aprende (...) A segunda vez [que reprovou] já foi faltas (...) Olha, ia passear!”**

Ainda tentou prosseguir os estudos através do ensino recorrente, mas ficou doente, o que o impediu de continuar. Apesar de a mãe e o padrasto terem insistido com ele para que não saísse da escola nas vezes em que reprovou, quando tinha 16 anos e estava no 6º ano acabou por desistir sem que a família o impedisse: **“A partir do 5º, foi mais, a minha mãe já ‘tava mesmo a ver que eu... estudar... não. Também não se preocupou assim tanto, tanto, tanto. Claro que se preocupou, mas não assim muito (...) Falei com ela, não quis muito, muito, muito... mas ela já estava mesmo a ver que estudar p’ra mim já não dava. Então, deixou-me sair.”** Com 17 anos, através de uma amiga, arranjou o seu primeiro emprego como empregado de limpezas: **“Uma amiga minha aqui do bairro, disse-me p’ra eu ir com ela naquele dia à noite. Eu fui e assim entrei logo... claro que ela explicou-me. Eu fui e entrei logo, comecei a trabalhar (...) [Estive lá] seis meses (...) Quando o contrato era p’ra renovar saí (...) por minha iniciativa, claro (...) Não pagavam bem (...) O horário era das 4 da manhã às 9 da manhã (...) Só o horário é que era mau, porque o trabalho era bom.”**

Tentou ainda terminar o 9º ano através de RVCC, mas desistiu antes de completar o processo. Aos 18 foi viver com um amigo no Cacém e aí trabalhou numa frutaria. **“O ambiente era bom também, pagavam bem. As horas não eram assim tão mau, eram horas normais como qualquer trabalho (...) Não queria sair mas tive que sair. Por motivos de doença. Fiquei doente (...) Foi agora... foi há 3 semanas que eu saí (...) Fiquei lá um mês.”**

Após este episódio o João voltou a tentar concluir o 9º ano: **“P’ra já, porque sem o 9º ano não se arranja quase nada p’ra trabalhar. E segundo, parecemos uns burrinhos na rua. Quem souber, diz logo.”** Um contacto posterior com ele revelou que mais uma vez tinha desistido, estando ainda desempregado.

## **Aníbal**

Filho de imigrantes cabo-verdianos, a mãe tem o 4º ano e é empregada doméstica, o pai era operário fabril, faleceu em 2002. O Aníbal nasceu em 1977 quando a sua família vivia no Bairro das Fontainhas, onde tinham um café.

O Aníbal foi dos entrevistados que conseguiu chegar mais longe na escola sem reprovações. Nas escolas onde andou grande parte dos seus colegas eram também seus vizinhos do bairro das Fontainhas, onde vivia com os pais e os irmãos. Chegou quase a reprovar no 7º ano devido às faltas recorrentes: **“Era um bocado daquela parvoíce de perder algumas aulas e passear de comboio (...) aquela coisa da tal delinquência juvenil (...) Éramos adolescentes, queríamos lá saber... Fumar o primeiro cigarro, experimentar**

a primeira ganza e não sei o quê, aquela coisa toda. A sensação de querer crescer sem ser no momento certo. (...) [No 7º ano] já estava a sentir que ia ficar para trás e não queria. Porque sabia e tinha a certeza que conseguia passar, ya, e conseguia superar as coisas. Dei volta à situação, na verdade, abrandei um bocado as saídas e as fugas de escola e não sei quê. E claro que levei um raspanete duro dos meus pais. O meu pai, principalmente, mais duro, mas fez com que eu acordasse na altura.”

Saiu da escola com 14 anos e o 9º ano completo: “Acho que ou as dificuldades da vida reais levaram-me a abandonar a escola ou se calhar um pouco das influências que sofria na altura e não sei quê... das amizades. É mais, é mais por um pouco de necessidade (...). Os meus pais pelo menos têm seis filhos e já nesta altura, já tinham todos, já nascidos quase... e dificuldade em comprar a alimentação, vestir, o traje e depois por mais pobres que sejamos sempre gostamos de ter mais uma peça ou outra mais bonita e tal. Optei eu, por opção, optei por largar a escola mesmo. (...) Os meus irmãos já tinham acabado a escola, não tinha dado certo na bola e tal, já estavam nas obras nesta altura e então eles m’arranjaram trabalho nas obras como servente e fui lá e tal... (...) O meu primeiro ordenado foi de 35 contos, acho eu, ou 37 contos, ainda me lembro, que já dava para comprar umas calças de ganga e tal, estas coisas todas, uns ténis Adidas e pronto, claro, mostrou-me o outro lado da vida. (...) O [irmão] mais velho é armador de ferro e o outro era pedreiro. Eu segui mais como armador de ferro porque adaptei-me melhor e trabalhei mais com este. Eu trabalhei com ele próprio apesar de ter um outro patrão, eu trabalhei com eles.”

Trabalhou vários anos na construção civil com várias paragens e de forma informal, primeiro por não ter ainda 16 anos, e depois porque preferia receber mais no fim do mês sem os descontos. Fez o seu primeiro contrato de trabalho aos 18, idade com que saiu de casa dos pais e teve o primeiro filho, e foi viver para uma casa que o pai tinha comprado em Odivelas: “O meu percurso de trabalho é atribuladíssimo, atribuladíssimo! Hã... como disse que eu comecei a trabalhar nesta altura nas obras. Fui trabalhar nas obras, trabalhei numa empresa também cortador vidros. Houve uma altura na minha vida em que tive um acidente nas obras. Tive um acidente parti o braço, parti o braço, tive direito a seguro por sorte! Por sorte nesta altura trabalhava com uma firma que tinha uma seguradora e não com os patos bravos como dizemos.”

Depois desse acidente, em 1996, deixou de trabalhar como servente e passou a preocupar-se mais em trabalhar legalmente, com protecção social. Aos 19 foi preso (não especificou o motivo) e saiu em liberdade aos 22. Foi nessa altura que começou a passar algum tempo em Casal da Boba. Devido à dificuldade em arranjar trabalho tirou um curso de auxiliar de acção educativa e passou a trabalhar como monitor em vários ATL através de uma associação local:

“Quando tu vais levantar o registo criminal e o teu... o crime pelo qual foste acusado vem discriminado (...) Por mais que já tinha pago pelo crime ou não... nunca fica bem. Vou entregar isto numa empresa, “ epá pêra aí! Este gajo cometeu este crime”, mas eles não sabem se cometi ou se não cometi e se resolvi voltar a vida normal e fazer uma vida como qualquer outro cidadão, é... nunca iriam aceitar em emprego nenhum (...) Dificultou-me imenso, se não fosse através da associação, se calhar eu não conseguiria estudar novamente e nem trabalhar... Pronto! Se calhar conseguiria a trabalhar, não conseguiria é trabalhar na área em que eu queria.” Em 2001 teve uma filha de nova relação e o seu pai faleceu no ano seguinte. Em 2003 teve outra filha, de uma terceira relação. Em 2005 com 28 anos começou a trabalhar num restaurante de onde saiu passado dois anos. “Fiz um acordo para me vir embora devido ao... ao monetário, devido à chefia, não era compatível com a minha forma de estar. (...) Esticavam-se um bocado,

**abusavam um bocado, acho que era um bocado de exploração do trabalho... e já estava cansado daquilo, sinceramente.”**

Estava desempregado no momento da entrevista e a viver com a mãe da primeira filha em Odivelas. O primeiro filho vive com a mãe e as duas filhas com a mãe da actual namorada.

Os dois primeiros casos são bem exemplificativos de jovens que, não tendo ainda 20 anos, já se encontram numa situação de vulnerabilidade social tão consolidada que a margem de manobra para inverter a sua situação é diminuta. A sua escolaridade é baixa e isso dá-lhes uma grande desvantagem no mercado de trabalho. As possibilidades que têm de voltar a estudar estão em grande parte dependentes das ofertas de segunda oportunidade a que possam aceder. Claro que a sua própria motivação para as frequentar é importante. A Luísa, já com um filho, diz que só voltará a estudar se receber uma contrapartida financeira e o João voltou a estudar várias vezes mas desistiu. Vários factores já referidos ao longo do texto estão presentes nos seus percursos: a morte de um dos pais, as reprovações precoces, a instabilidade e indisciplina das turmas. No caso da Luísa ainda a gravidez aos 13 anos e o trabalho antes da idade sem quaisquer condições e regalias sociais. Tal como vimos a propósito de muitos jovens do bairro que saem da escola, também eles estão e estiveram antes desempregados e vivem a cargo da família.

O Aníbal, mais velho, conseguiu estudar até mais tarde sem reprovações, mas as suas sociabilidades enquanto adolescente incitaram-no a viver num quotidiano em que delinquência estava muito presente. Os fracos rendimentos da família impeliram-no para começar a trabalhar, tal como o João e a Luísa, em sectores típicos para o perfil socioprofissional da população do bairro, a construção civil e os serviços desqualificados.

Os contactos informais, tal como em alguns dos casos que se seguem, foram as suas portas de entrada para estes trabalhos. Para o Aníbal, a passagem pela prisão dificultou o regresso ao mercado de trabalho, mas a associação local que o ajudou nessa altura foi um factor importante, tal como em outros casos, para que tirasse um curso e voltasse a trabalhar.

### **Bernardo**

Nascido em Lisboa em 1985, o Bernardo é filho de imigrantes cabo-verdianos. A mãe, com o 9º ano, é empregada doméstica e o pai, com o 4º ano, é pedreiro da construção civil. É um dos casos de mobilidade ascendente que contraria as probabilidades associadas ao seu meio de origem. Mas essa mobilidade não surge por acaso. Existem vários factores no seu percurso que estão ausentes no de outros entrevistados. A sua família, consciente das

influências de nivelamento descendente presentes no seu meio residencial, o bairro 6 de Maio, e nas escolas que o serviam, decidiu, desde o início, que o Bernardo e o seu irmão gêmeo deveriam estudar em Lisboa: **“Sempre em Lisboa, em escolas longe, para nós não convivemos com muitos negros, apesar de sermos negros, que era para não nos distrairmos e fugirmos ao nosso objectivo (...) Porque na Amadora, tipo, as escolas sempre tiveram muito má fama”**. Para além disto os pais sempre exerceram uma vigilância forte do seu percurso escolar, controlavam os seus tempos de lazer e pagaram-lhe explicações desde sempre: **“Os meus pais foram daqueles pais que nunca faltaram a nenhuma reunião na escola (...) E depois era todos os dias a verificar os trabalhos de casa, se havia se não havia, a ver os recados na caderneta. Como eu disse, os meus pais sempre foram muito rígidos. Diziam que não nos queriam com um futuro iguais ao deles, trabalhar nas obras ou nas limpezas.”** Quando reprovou no 10º ano do curso tecnológico de gestão os pais reagiram: **“Ficaram chateados, cortaram-me logo um milhão de coisas (...) Tinha um grupo da catequese que nós nos víamos duas vezes por semana (...) fazemos várias excursões, acampamentos, viagens... já fomos à Eslováquia, à Dinamarca, a vários sítios (...) e eles cortaram-me logo isso como uma forma de castigo.”**

A partir dos 16 anos começou a trabalhar em *part-time* como empregado de mesa num restaurante: **“Tava com muito tempo disponível e estar ir p’ra escola fazer uma disciplina e voltar p’ra casa para ‘tar a olhar p’ra televisão o dia inteiro, isso não é vida. Não ‘tava a gostar, depois decidi arranjar um trabalho tipo um *part-time* e fui trabalhar num restaurante. (...) Andei à procura, deixava currículos e inscrevia-me (...) Estive no total 12 meses, dois contratos (...) Em termos de horários era bom porque dava p’ra estudar durante o dia e trabalhar à noite (...) mas em termos de regalias eram... eram muito poucas.”**

No 12º ano passou a trabalhar como operador de máquinas de diversão no Centro Comercial Colombo, onde chegou a ficar efectivo. Nesse ano mudou-se com a família para Casal da Boba e ficou um ano sem estudar. Em 2006, com 20 anos, concluiu a disciplina que lhe faltava para terminar o ensino secundário. A partir daí até ao momento da entrevista, quando tinha 22 anos, tentou aumentar a média para entrar no curso superior de Gestão de Empresas num universidade pública.

Aos 21 desistiu do seu trabalho no parque de diversões por considerar que lhe pediam para fazer horas para além do contrato. Um amigo arranjou-lhe trabalho como vigilante num centro comercial onde fez um contrato de três meses. **“ele ‘tava na empresa, primeiro inscrevi-me... logo deu-me as coordenadas todas, inscrevi-me. Por acaso foi interessante, inscrevi-me no mesmo dia, no outro chamaram-me para a entrevista... fui à entrevista, depois no dia a seguir ligaram-me p’ra começar a formação. Depois começámos a formação, tivemos p’raí uma semana... uma semana e meia de formação; e depois a seguir a formação, comecei logo a trabalhar, até agora. (...) São boas as condições que eu... que eu não tenho razões de queixa da empresa. Nunca, nunca recebi mal, mesmo se... se houver alguma coisa com os recibos ou se acharmos que não ‘tamos satisfeitos podemos ir à sede da empresa e expor a situação e que eles resolvem as coisas, mostramos o porquê das coisas estarem feitas assim.”**

No final do primeiro contrato passou a efectivo nesse trabalho que ainda mantinha no momento da entrevista, assim como a sua intenção de entrar no ensino superior. Apesar da sua estabilidade profissional, não pensa sair de casa dos pais para já: **“Preciso de ter estabilidade económica... é preciso de ter um bom trabalho e... já ter mais e ‘tar mais preparado psicologicamente p’ra dividir tudo com outra pessoa. Tem de ser uma coisa que eu sei que faço e depois não me arrependa e não quero me juntar hoje é ir p’ra casa no sol d’amanhã.”**

## Armindo

O Armindo tem uma escolaridade acima da média em Casal da Boba, mas o seu sucesso como jogador de futebol profissional foi o que lhe deu a estabilidade económica para poder comprar uma casa e autonomizar-se. Os seus pais, ambos cabo-verdianos, moravam no bairro das Fontainhas com mais três filhos, quando o Armindo nasceu em Lisboa, em 1982. A sua mãe tem o 4º ano e é empregada de limpeza, actualmente de baixa, o pai não tem escolaridade e é pedreiro da construção civil. A escola onde fez o 1º ciclo era frequentada em grande parte por vizinhos do seu bairro. Como em casa a família falava sempre crioulo teve de início algumas dificuldades com a língua portuguesa. Os seus pais não tinham conhecimentos suficientes para o ajudarem nos estudos, mas interessavam-se pelo seu percurso escolar: **“(…) O meu pai não foi à escola, a minha mãe fez a 4ª classe. Por isso, tínhamos que fazer pela vida (…)** Tavam sempre a par, sempre que era preciso (…) **Nas reuniões estavam sempre presentes.”**

Aos 14 anos, começou a jogar futebol no Estrela da Amadora. **“Naquela altura, lá no meu bairro, todos gostavam de jogar à bola... Depois eu, fomos lá, fomos lá uns três (…)** Tive a sorte de ficar.” Quando começou a treinar, a falta de tempo, o cansaço e algumas faltas às aulas repercutiram-se nos resultados escolares. Reprovou o 9º ano e a partir do 10º ano, com 15 anos, passou a trabalhar nas férias como servente na construção civil. Aos 17 começou a trabalhar em *part-time* como empregado de balcão num McDonald’s, com contratos de seis meses, onde ficou um ano e meio. **”Era p’ra ter algum no bolso, era p’ra não ir pedir à minha mãe, que era para os meus gastos das férias. (…)** Derivado à situação financeira, nunca fomos... somos, somos uma família humilde e eu já queria ter as minhas, já queria ter as minhas coisas.”

Aos 18 anos, depois de assinar o seu primeiro contrato de jogador de futebol profissional, desistiu da escola e do seu *part-time*: **“Tava bem [como jogador de futebol] e depois eu não conseguia conciliar as duas coisas, optei por uma.”** Em 2001, com 21 anos, mudou-se com a família para Casal da Boba. A sua carreira como jogador estava a correr bem. Depois de estar dois anos emprestado a outro clube recebeu uma proposta melhor do Odivelas Futebol Clube onde ficou a jogar até recentemente ter passado para o Olivais e Moscavide, onde continua: **“Houve propostas e eu optava pela, pela sempre melhor no momento que eu acho melhor.”**

Com 24 anos aproveitou o seu momento de estabilidade profissional e um concurso da Câmara Municipal da Amadora para comprar casa nos Moinhos da Funcheira, onde a partir do ano seguinte passou a residir com a sua companheira.

Apesar do bom momento como jogador de futebol, não sente total segurança quanto ao seu futuro profissional. Por esse motivo decidiu concluir o 12º ano através do Programa Novas Oportunidades. **“A vida de um jogador é... não sabe, como agora posso ‘tar muita bem daqui... a 2 anos posso ‘tar mal (…)** A minha vontade é... acabar o 12º porque... da maneira em que isso ‘tá. Agora acho que nem o 12º vai servir... por isso é que quero acabar o 12º e depois a cabeça... se a cabeça for boa p’ra estudar, porque não... fazer os exames nacionais e ver.”



## Sofia

A Sofia é mais um caso em que um determinado tipo de articulação entre a família e a escola facilitou o sucesso escolar, ao encontro das expectativas da sua família, mas contra as probabilidades no seu meio de origem. Os seus pais, cabo-verdianos, moravam no bairro das Fontainhas quando a Sofia nasceu em 1979, em Lisboa. A mãe tem a 4ª classe e é empregada doméstica. O pai, agora reformado, tem a 4ª classe e era cantoneiro da Câmara Municipal da Amadora. Chegou a morar com 17 irmãos.

Desde o primeiro ciclo que teve um enquadramento favorável a uma boa integração escolar. Os pais impunham-lhe horários e tempos de estudo. Tinha a simpatia e apoio da professora do 1º ciclo (uma relação que alguns entrevistados salientam pela negativa). **“O meu pai era um bocado rígido, e foi muito exigente na educação que ele nos deu, porque nós sabemos que viver nos bairros não é muito fácil (...) A minha mãe, hum, ensinava e duma maneira! (...) Ela não batia, mas aquele ar dela em cima de mim!”**

Reprovou no 5º ano e na nova escola teve alguns conflitos com colegas: **“Infelizmente as pessoas quando sentem que alguma pessoa é o elo mais fraco tentam abusar e (...) eu não deixava que ninguém fizesse mal à minha turma e eu criei alguns inimigos como é óbvio“** Mudou de escola no 9º e os seus resultados escolares pioraram. Reprovou duas vezes no 10º ano e os seu pais castigaram-na: **“Nós quando fomos p’ra lá tentámos afirmar a nossa identidade (...) afirmarmo-nos mesmo... e os mais velhos baldavam-se às aulas, nós também baldávamos e ficávamos lá atrás do polivalente, pronto, a conversar ou a jogar as cartas, aquelas coisas. (...) O meu pai ficou pior que estragado. Ele sempre disse “dou-te tudo o que quiseres. Tu tens tudo, tu não precisas de trabalhar, não precisas de nada, eu só quero que tu estudes e sejas alguém na vida. (...) Não podia fazer nada dessas coisas que nós sabemos que custam mais, se calhar do que uma palmada, n’é?”**

Apesar das reprovações terminou o ensino secundário aos 20 anos, com média de 17 o que era insuficiente para conseguir vaga em Medicina, o curso que ela e a família ambicionavam. Quis começar a trabalhar para ter alguma autonomia financeira, mas por influência do pai e de uma professora foi tirar dois cursos de formação, um na área de gestão, outro na área de informática. **“Ainda fiquei durante uns tempos em casa a ponderar, porque graças a deus, nós nunca tivemos necessidade de tar trabalhar para poder ajudar os meus pais, prontos! Mas... mas senti a necessidade de ter as minhas coisas.”** Começou a trabalhar aos 21 anos num cabeleireiro, primeiro aos fins-de-semana e depois a tempo inteiro, sem contrato. Seguiram-se outros trabalhos de curta duração onde nunca chegou a assinar contrato **“(…) Como eu também tenho uma saúde um bocado frágil, aquilo [o salão de cabeleireiro] estava no quente e depois quando saía, ‘tava frio, ficava sempre doente. A minha mãe disse “não, vais sair porque não pode ser estás sempre doente”. Saí. Depois, fui tentar no *Mc Donald’s*... fiquei doente... fui p’ró quente e p’ró frio. Fui p’rá *Telepizza* fiquei doente, quente e frio, porque... pronto, realmente é um bocado complicado trabalhar nestes sítios. Aquelas arcas então... principalmente as pessoas mais... é... os recém-chegados, por assim dizer, então eles abusam completamente... são muito explorados.”**

Em 2002, aos 22 anos, começou a trabalhar, por intermédio de uma irmã mais velha, como operadora de caixa no *Continente*, com contratos de seis meses. **“Eu também... não tinha aquele sentido de responsabilidade... e... claro que foi irmos trabalhar, por que a minha irmã ‘tava lá a trabalhar. E... e fomos as quatro mais três amigas minhas, fomos as quatro inserimo-nos lá elas entretanto saíram, fiquei... lá eu depois sozinha p’raí uns quatro, cinco meses e depois sai também.”** Nesse mesmo ano mudou-se com a família para

o Casal da Boba. Em 2004 passou a fazer o mesmo trabalho no *Jumbo*, com contrato anual, onde entrou por sua iniciativa.

Aos 26 anos recebeu uma proposta para trabalhar numa associação local, da qual o pai tinha sido um dos fundadores e onde tinha estado como voluntária. Desde o ano seguinte que ficou a coordenar um infantário da associação com contrato sem termo. Entretanto, em 2007, iniciou uma licenciatura em Serviço Social na Universidade Lusófona. **“Visto que eu estou neste ramo de trabalho, que eu tirasse o curso ainda ficava melhor (...) Até à semana passada pensava só tirar ali licenciatura, mas depois, pensando, e tendo visto um mail que uma professora nossa mandou p’ra todos, estou a pensar seriamente em tirar o doutoramento. Vamos lá ver.”** Pondera sair de casa dos pais. **“Comprar a minha casa e ir partilhar com uma amiga minha.”**

Comparativamente com o primeiro conjunto de casos que apresentámos estes três entrevistados têm uma situação profissional mais estável. Dois estão efectivos nos seus empregos e outro, o Armindo, tem um contrato profissional como jogador de futebol, uma actividade onde não existem contratos sem termo, e apesar de considerar que existe alguma imprevisibilidade no seu trabalho, atravessa um bom momento e tem rendimentos estáveis. A imprevisibilidade, os avanços e recuos no mercado de trabalho estão presentes em alguns momentos dos seus percursos. Tal como é frequente mesmo entre os jovens com maiores habilitações escolares, tiveram vários empregos, alguns pouco qualificados, e também eles recorreram por vezes aos seus contactos informais para encontrar emprego. Mas a sua situação actual permite-lhes escapar ao efeito de fechamento social que descrevemos anteriormente, têm acesso a oportunidades que não estão tão disponíveis para os entrevistados do primeiro conjunto. Têm também mais facilidade em continuar os estudos e podem fazer uma transição mais sustentada para a autonomia familiar. O Armindo já a fez. A Sofia e o Bernardo aguardam um momento mais propício para saírem de casa dos pais.

Os seus percursos de transição são percursos de mobilidade social ascendente. Os factores envolvidos nessa mobilidade são diferentes para cada um. O Armindo integrou-se cedo num meio profissional que lhe deu oportunidades de progressão que não estão tão disponíveis nos sectores de actividade mais acessíveis para os jovens do bairro. Para a Sofia a sua progressão escolar foi decisiva para chegar ao lugar que ocupa, mas os seus contactos com a associação local também foram importantes. No caso do Bernardo a conclusão do ensino secundário poderá também jogar a seu favor. Mas é comparando com os casos de vulnerabilidade social que podemos tornar visíveis outros aspectos que foram importantes. Nenhum deles teve filhos nem perdeu um dos pais. Não tiveram necessidade de começar a

trabalhar cedo para ajudar as suas famílias e estas, apesar da sua baixa escolaridade, ou talvez por isso, incentivaram-nos a estudar.

## Óscar

A mãe do Óscar é santomense, tem o 4º ano de escolaridade e é empregada de limpeza. O seu pai, cabo-verdiano, tem o 1º ano de escolaridade e era cantoneiro antes de se reformar. Viviam no bairro das Fontainhas quando o Óscar nasceu em Lisboa em 1980. Como em casa e no bairro falava sempre crioulo teve algumas dificuldades no português. Quando terminou o 1º ciclo já tinha duas reprovações, no 3º e 4º ano. A sua irmã mais velha, actualmente com 37 aos e a frequentar o ensino superior, ajudou-o a ultrapassar algumas dificuldades na escola. Também a escola onde o Óscar fez o primeiro ciclo era frequentada em grande parte por crianças do seu bairro.

Logo a partir do 5º ano começou a jogar futebol no Estrela da Amadora. Na sua nova escola, mais longe de casa, começou a contactar com pessoas de meios sociais mais diversificados. **“Já ‘tava com as pessoas que já tinham outras mentalidades, não eram só pessoas do bairro, já eram outras pessoas lá... praticamente da Amadora. Eu, no início, senti algumas dificuldades, mas depois com o tempo senti-me bem, conheci outras culturas, outras pessoas, comecei a desenvolver as minhas capacidades.”** O facto de jogar futebol facilitou-lhe a integração no grupo de colegas mas tirava-lhe alguma disponibilidade para estudar. **“Já saía directamente p’ró treino, já vinha cansado e era sempre para amanhã e depois passava amanhã, passava outro dia, acabava sempre por não estudar (...) horas antes do teste, minutos antes de um teste, estudava um pouco. Mas era assim que eu me orientava com os estudos.”**

Terminou o 6º ano mas as más notas não lhe permitiram ficar na mesma escola. Decidiu nesse ano, aos 14, ir trabalhar como servente da construção civil com um vizinho durante cinco meses: **“Acabou a obra e pegámos p’ra ir p’ra outra obra e, como eu não tinha idade, tive mesmo de... Parei. Fazia só biscates com um outro senhor (...). Era [também] um vizinho só aos fins de semanas que me arranjava sábados e domingos, às vezes, só sábado para carregar entulhos... não era servente não era pedreiro era só carregar entulhos.”** A paternidade aos 16 e a necessidade de obter rendimentos dissuadiram-no de voltar a estudar. **“Quem trabalha sabe como é que é, depois de começar a trabalhar, receber já... é um bocado difícil.”** Nessa altura começou a morar com a namorada no mesmo bairro, com o apoio financeiro dos pais e com os rendimentos que obtinha na construção civil onde entretanto voltara a trabalhar. **“Não fazia descontos mas como o subempreiteiro era uma pessoa conhecida não tinha problema nenhum. Não tinha problema porque não havia fiscalização, aí era... não havia nenhum tipo de problema. E lá trabalhei durante um ano e meio. (...) Trabalhava ilegal, mas nunca tive problemas, ele me pagava.”**

Aos 18 anos, em 1997, iniciou o seu primeiro trabalho com contrato, como ajudante de colocação de tectos falsos. **“Foi através da minha mãe... que viu anúncio no jornal e eu fui à entrevista. (...) Porque trabalhar sem descontos, sem contratos, sem nada, era algo que só fiz porque não tinha idade, e depois de ter 18 anos, a partir daquele momento, já queria ter descontos, já queria ter férias, já queria ter tudo em ordem.”** Depois de nove meses nesse trabalho desistiu por se sentir pouco confortável com o seu oficial, por parte de quem sentia alguma discriminação. Voltou a trabalhar como servente: **“Foi com uns amigos foram um trabalho de empreitada ... que uns amigos meus mais velhos de... 5 ou 6 anos dava-me muito bem (...) Trabalhei durante 9 meses, o tempo que tive p’ra acabar o piso**

porque eles só faziam tijolo. Acabaram o piso, entretanto depois as coisas não correram muito bem, não havia outras obras p'ra eles começarem a trabalhar e pararam um tempo e cada um foi à vida eu também fui à minha também... fui à minha... não parei, viajei.“ Decidiu partir para França com um amigo para trabalhar na construção civil com um seu **“primo-irmão”** que lá residia. Após três meses voltou para Portugal por não ter recebido como combinado. **“Eu cheguei num dia e comecei a trabalhar logo noutro, só que tive algumas dificuldades, tive muitas dificuldades, porque é... de cada vez que eu acabasse ele não me pagava, deixa acumular o dinheiro p'a me pagar no dia que eu me vinha embora. Eu não fiquei de acordo com isso, não achava isso uma coisa certa ainda por cima não era um trabalho legal que tinha os descontos. (...) Eu lhe disse “se for p'ra isto eu prefiro ficar no meu país”.**”

Ficou pouco tempo em casa porque no ano seguinte decidi aceitar a proposta de um clube de futebol em Sátão para jogar como amador: **“[Já antes de ter ido para França] tinha um empregado que eu já conhecia ‘tava-me sempre a telefonar constantemente, se eu quisesse ir p'ra norte que havia estas condições. Eu na altura não... achava, não valia a pena ir p'ra norte naquele momento por que também tinha a minha família, tinha o filho pequeno e tinha emprego na altura e ‘tava num clube não valia a pena eu ir p'ra norte... só que depois quando eu vim já sentia essa necessidade não tinha emprego, e deram-se as condições razoáveis, deram-me casa, deram-me alimentação e pagavam-me; e eu tava desempregado, fiz do futebol naquele momento o meu trabalho.”** Ali ficou um ano após o qual passou a jogar noutro clube em Tábua onde ficou mais um ano. **“Tinha contrato de amador. Contrato de amador é verbal... a quantia é verbal, assina-se os recibos quando se recebe, quando há férias não é pago o subsídio de férias... o clube tem seguro no caso do jogador aleijar tem seguro, mas no caso do jogador aleijar com alguma gravidade já não é pago porque não tem contrato profissional e quando é amador assim é... assim é que funciona.”**

Acabou por regressar à Amadora em 2002, tinha 22 anos, e mudou-se para o Casal da Boba no processo de realojamento, ficando a jogar num clube perto de casa e fazendo alguns biscates na construção civil. A falta de protecção social levou-o a desistir deste trabalho quando a mãe, que residia no mesmo prédio que ele em Casal da Boba, lhe arranhou um emprego como lavador de vidros na empresa onde na altura era supervisora. **“Fui trabalhar e tive três anos... mas com todas as regalias, tudo em ordem, descontos, subsídio de férias, férias, tudo em ordem... de uma maneira legal”.**

Depois de se separar da namorada, a sua actual companheira foi viver com ele e teve um segundo filho. Em 2006 teve uma proposta noutra empresa para fazer o mesmo trabalho com melhores condições. **“Davam-me mais condições do que a anterior firma, davam-me viatura, davam-me telemóvel da empresa... ganhava mais do que um tempo atrás.”** Mas em 2007 a empresa, que estava com algumas dificuldades financeiras, faliu. A situação contratual que tinha permitiu-lhe receber o subsídio de desemprego e depois de algumas dificuldades em encontrar novo trabalho decidiu terminar o 9º ano através de RVCC. Em 2008, já com o 9º ano, iniciou um curso de técnico de gás com equivalência ao 12º ano, que um irmão mais velho lhe aconselhou. **“(...) ‘távamos a falar e depois ele disse-me, sugeriu-me porque é que eu não vou... me informar no CENFIC? Há lá muitos cursos que eu podia encontrar uma coisa que eu gostasse. Certo dia fui, perguntei, informei e na altura disseram-me que ia começar dentro dum mês um curso técnico de gás que... que só podia ser p'a pessoas com mais de 25 anos e que tinham o 9º ano concluído.”** No momento da entrevista continuava a frequentar este curso e a viver da bolsa associada ao mesmo. **“É um curso de um ano e dois meses, com mais 3 meses de estágio. Já dá p'ra concluir o 12º e também ao mesmo tempo ter uma profissão.”**

## Neusa

A Neusa é a única entre estes oito entrevistados que nasceu fora de Portugal. Nasceu no mesmo país que os seus pais, Cabo Verde, em 1979. A sua mãe, actualmente cozinheira de um restaurante, tem o 4º ano e veio para Portugal em 1990. O seu pai, com o 4º ano de escolaridade, explora uma pedreira em Cabo Verde onde ficou.

A Neusa chegou a Portugal aos 12 anos, para viver com a sua mãe em Lisboa na casa de uma idosa de quem esta tomava conta, e inscreveu-se no 5º ano. A partir do 7º ano estudou na Casa Pia, onde havia regras e horários rígidos. Fez o 3º ciclo através de um curso de cozinha em restauração e quando iniciou o 10º ano seguiu um curso profissional de restauração e hotelaria. Apesar da reduzida escolaridade a mãe interessava-se pelos seus estudos e procurava seguir as suas rotinas diárias. **“À noite já não podia sair muito daquele horário de chegar a casa. Depois, quando chegamos a uma certa idade, começamos a querer esticar as horas e começamos a ter alguns problemas, mas foi resolvido.”**

Aos 16 anos, quando a mãe decidiu comprar uma casa, a Neusa continuou, como já o fazia desde a sua chegada a Portugal, a viver em casa da senhora idosa de quem a mãe tomava conta. Passou a ser ela a tomar conta da senhora durante a noite. Recebia uma remuneração mas não tinha contrato. **“A minha mãe ficava de dia, eu ficava à noite. Eu estudava e à noite dormia lá. A senhora já me conhecia, p’ra não ‘tar a meter uma pessoa estranha a tomar conta dela à noite e p’ra manter a mesma empregada, fiquei lá eu.”** A partir desse ano começou também a trabalhar nas férias como operadora de telemarketing em contratos de três meses. **“Normalmente estes trabalhos de Verão era sempre com as colegas da escola”.** Aos 19 anos, quando a sua patroa foi morar num lar, a Neusa foi viver com a mãe no bairro das Fontainhas. Nesta altura terminou o ensino secundário e começou a trabalhar como pasteleira num supermercado. **“(…) Na altura quis tirar a carta e tinha que juntar mais algum (…) Isto foi a minha tia que trabalhava no Pingo Doce. Assim que acabei o curso falou lá com o chefe e entrei, não para a mesma loja onde ela estava.”** Não chegou a terminar o contrato de seis meses porque a Casa Pia lhe disponibilizou uma bolsa para estudar na Universidade Internacional. **“(…) A minha mãe pagou a matrícula e a papelada, tratei de tudo o que era preciso (…) Deixei o trabalho e entrei p’rá universidade, só que também foi sol de pouca dura. Assim que cheguei lá, andei uns tempos à procura de trabalho. Já não conseguia ser dependente da minha mãe (…) Tinha carro, fumava, gostava de beber café e há muitos anos que não pedia dinheiro à minha mãe p’ra nada disso”**

Em 2000, depois de abandonar a faculdade começou a trabalhar como operária numa fábrica de embalar café, um contrato de três meses no fim do qual começou a trabalhar como promotora de produtos em hipermercados. **“Não tinha obrigatoriedade, era conforme o dia de serviço, chamavam-me. Eu ia, se pudesse ia, mas não havia vínculo nenhum.”** A partir de 2001 acumulou esse trabalho ocasional com o de empregada de limpezas em *part-time*, durante a madrugada, na empresa onde a mãe, nessa altura, estava a trabalhar. **“Das cinco da manhã, das cinco ou cinco e meia até às oito e meia. Eram três horas.”** Tinha começado um curso de animadora sociocultural através do qual recebia uma bolsa, o que lhe impediu, até terminar o curso, de fazer contrato na empresa de limpezas. Aos 22 passou a trabalhar aí com contrato, onde ficou por dois anos. A partir de 2002, como queria comprar casa com o companheiro, começou também a trabalhar como pasteleira num restaurante mexicano.

**“Entrava às onze saía às três, aqueles horários do papel, do papel só (risos) (...) Ainda durante algum tempo tive no trabalho das limpezas, só que, depois, disse que não dá, dormia três horas por dia, também já sabia que não era assim que ia ficar rica (risos) (...) Assim que deixei as limpezas, fiquei grávida (...) Continuei no restaurante,**

**só que o problema depois, quando fiquei grávida, era muito boa, era muito boa, mas, quando fiquei grávida, já deixei de prestar (...) Acabou o meu contrato e não me renovaram (...) E então depois vim p'ra casa com sete meses de gravidez.”**

Aos 23 mudou-se com o companheiro para o Casal da Boba onde compraram casa através de um programa da Câmara Municipal da Amadora. Em 2004 teve uma filha e durante um ano voltou a trabalhar de forma ocasional como promotora de produtos em hipermercados. Aos 25 uma prima sua que trabalhava numa associação pediu-lhe para lá trabalhar, inicialmente enquanto voluntária, como auxiliar de acção educativa na creche. Ficou lá a trabalhar seis meses, com contrato, para substituir uma empregada que estava de licença de maternidade. **“Foi pena... pena de não poder ficar, eles gostavam do meu trabalho, mas não podiam... contratar-me, não tinham dinheiro... na altura.”** Quando saiu ainda trabalhou um mês num refeitório mas entretanto, em 2006, começou a trabalhar por turnos num ATL. **“Foi na associação que deram o meu contacto e deram as minhas referências p'ra este trabalho”.** A partir de 2007, por causa de um conflito que teve com uma das jovens do ATL passou a trabalhar num lar de idosos, da mesma associação. **“Acabou por ser uma vantagem. Os idosos, é uma área que eu já conheço, já trabalhei (...) Já não trabalho por turnos, já tenho um horário de 2ª a 6ª feira, horário fixo, entro às nove e meia e saio às seis e meia.”**

A possibilidade de emigrar para outro país da União Europeia e uma alteração à lei da nacionalidade motivou-a para pedir a nacionalidade portuguesa, que obteve em 2007. Tentou ainda nesse ano entrar na licenciatura em Serviço Social numa universidade pública, o que não conseguiu por não ter tido nota suficiente. Os encargos financeiros desmotivaram-na para voltar a tentar em 2008. **“depois temos as despesas, temos uma casa para pagar, uma filha, creche, carros (...) Se continuar assim, não dá p'ra fazer tudo.”**

As situações destes dois últimos entrevistados não são do mesmo grau de vulnerabilidade social que os primeiros, nem os seus percursos evidenciam um trajecto de mobilidade ascendente, como o do segundo grupo. As dinâmicas de reprodução e mobilidade sociais que identificámos como importantes na configuração dos percursos de TVA dos jovens de Casal da Boba também são evidentes nestes dois retratos, apenas não se conjugam de forma a dar um sentido tão definitivo como nos anteriores. Não é apenas um factor que conta, mas a sobreposição de factores de um sentido ou de outro que actua ora como limitação ora como abertura de oportunidades de mobilidade.

O Óscar viveu no bairro das Fontainhas e muitos dos seus colegas eram seus vizinhos. Teve dificuldades na escola e sentiu cedo a vontade de trabalhar e ter os seus próprios rendimentos, o que o fez desistir de estudar. Trabalhar na construção civil foi para ele, como para muitos jovens do bairro, “a alternativa mais à mão”, tinha vários amigos que aí trabalhavam e na idade em que começou a trabalhar tinha de o fazer sem documentação. Tendo iniciado a sua actividade profissional de forma precária e precoce, interrompendo o seu percurso escolar aos 14 anos e já com um filho aos 16, o Óscar tinha vários factores contra ele. Mas a sua situação actual, com 28 anos, oferece-lhe mais oportunidades do que a do

Aníbal, com 30 anos. É um exemplo de que como o mercado de trabalho e as ofertas formativas de segunda oportunidade podem compensar desvantagens de partida. O Óscar chegou a estar efectivo numa empresa e quando esta faliu ele teve direito ao subsídio de desemprego, aproveitando esse tempo para voltar a estudar. Já a Neusa chegou a frequentar o ensino superior, muito mais do que os seus pais, que têm só o 4º ano. Só começou a viver num bairro de barracas a partir dos 19 anos e não estudou em escolas instáveis e em turmas indisciplinadas, o que a terá ajudado a chegar ao 12º ano (recordemos que em Casal da Boba menos de um terço dos jovens entre os 25 e os 29 atingiram o ensino secundário). Mas aos 29 anos a sua integração no mercado de trabalho é pouco qualificada e menos estável do que a da sua mãe.

## **8) Conclusão: mercado de trabalho e reprodução das desigualdades**

Neste último ponto recuperam-se os principais resultados da investigação e enunciam-se algumas questões que a própria pesquisa e os resultados suscitaram. Tivemos por objectivo identificar os factores de reprodução e mobilidade social que estão envolvidos nos percursos de inserção no mercado de trabalho, entendidos como parte de um processo de transição para a vida adulta. Centrâmo-nos na faixa etária dos 15 aos 29 anos da população de um bairro social em que, apesar de um grande domínio de população com fracos recursos escolares e económicos, existem alguns jovens que ascenderam socialmente face às suas famílias de origem. Metodologicamente adoptámos por isso uma perspectiva que nos permitisse, à escala individual, identificar os referidos factores na construção dos percursos de transição para a vida adulta dos jovens. Além disso servimo-nos de dados quantitativos para aferir a ordem de grandeza de fenómenos importantes neste domínio, como o grau de escolaridade, as profissões que ocupam, a taxa de desemprego, etc. Os resultados permitiram-nos traçar um panorama da situação de chegada dos jovens, mas também perceber porque estão uns mais integrados no mercado de trabalho do que outros, porque uns permanecem em situação de vulnerabilidade social, enquanto outros ascendem socialmente.

Vimos em primeiro lugar que a situação dos jovens no que respeita ao trabalho é diferente da dos seus pais, são mais em profissões mais qualificadas. Mas vimos também que comparando com os jovens em geral estão em pior situação. Avançámos com algumas possíveis explicações para isto, como seja a sua vantagem escolar face às gerações mais velhas, mas não comparativamente com os seus homólogos a nível nacional. Referimos

também outros aspectos, como um efeito de fechamento social que actua ao nível da escola e das formas de angariação de emprego e que penaliza quem está em desvantagem ao nível do capital social. Vimos também que existe por vezes uma pressão para obter rendimentos que funciona como motivação para abandonar a escola mais cedo, começar a trabalhar mais cedo e de forma precária. As raparigas estão neste aspecto em melhor situação do que os rapazes. Seguindo uma tendência europeia, elas chegam mais longe na escola do que eles. Estão por isso em vantagem no mercado de trabalho, mas também porque o crescimento do sector dos serviços aumentou a procura de profissões tradicionalmente femininas. A vantagem das raparigas sobre os rapazes existe também ao nível da exposição ao desemprego. São menos as mulheres a trabalhar ilegalmente, sem contrato, do que os homens e isso é um factor explicativo. Mas em outros aspectos estão em desvantagem. Quando têm filhos ainda antes dos 20 anos são elas e as suas famílias que detêm as maiores responsabilidades sobre as crianças. Especialmente para as raparigas, ter filhos, e sobretudo, ter filhos muito cedo dificulta as oportunidades de mobilidade ao piorar o desempenho escolar e precipitar uma transição apressada entre a escola e o trabalho.

As transições para a vida adulta dos jovens do bairro acompanham em certos aspectos as tendências gerais que se verificam nas sociedades europeias. Têm uma grande dimensão de imprevisibilidade e em aspectos como as relações conjugais e a inserção no mercado de trabalho são menos lineares do que eram num modelo mais tradicional. Isto acontece devido a mudanças que se verificam num contexto supranacional como é o caso dos sistemas de emprego. Mas em outros aspectos são significativamente diferentes destas tendências gerais. Alguns jovens têm filhos muito cedo, mesmo que por vezes permaneçam em casa dos pais por constrangimentos económicos que lhe dificultam a autonomia. A tendência para prolongar a escolaridade e adiar a entrada no mercado de trabalho está presente em alguns dos percursos que analisámos. Mas também encontramos vários casos que contrariam esta tendência. Jovens que saem da escola cedo e começam a trabalhar ainda antes da idade legal para o fazer.

O desemprego penaliza mais os jovens do que os adultos. É também assim a nível nacional. Este facto é apontado como um dos constrangimentos à entrada no mercado de trabalho. Mas um outro possível efeito do desemprego é a redução das expectativas que faz com que muitos jovens portugueses aceitem mais facilmente um trabalho precário e desqualificado do que os seus congéneres europeus (Pais, 2001:47). É o que parece acontecer em Casal da Boba a avaliar pela grande quantidade de jovens que trabalham sem contrato.

Nos percursos destes jovens cruzam-se efeitos que têm origem em contextos mais amplos, alguns afectam outros jovens na Europa, mas outros são específicos da sua condição



social e do contexto local em que viveram e vivem. Outros ainda são muito mais atípicos. Todos são factores que moldam a estrutura de oportunidades de mobilidade social que lhes estão disponíveis: a estrutura produtiva local que condiciona a oferta de trabalho, os modelos de regulação laboral, os modelos de gestão, as políticas públicas de emprego, os modelos de protecção social, as políticas de educação e formação, a forma como as instituições locais medeiam estes factores; o contexto local de relações sociais dos jovens que está dependente das dinâmicas de diferenciação na ocupação do território e que faz corresponder um bairro a uma escola em que todos partilham uma condição social próxima, por exemplo; os contextos familiares em que vivem e que se relacionam com todos estes factores como, por exemplo, na relação entre os horários de trabalho dos pais e a sua disponibilidade para o acompanhamento dos filhos. É uma rede muito complexa de vectores que se pode manifestar em cada indivíduo de forma diferente.

Há factores mais fortes do que outros e em alguns indivíduos existem eventos decisivos que bloqueiam ou facilitam a mobilidade social. Num bairro em que a população partilha muitas características sociais é previsível que essas características se transmitam intergeracionalmente, reproduzindo as desigualdades. A fraca escolaridade dos habitantes mais velhos do bairro é um factor estruturante das suas disposições de classe. Aspectos que condicionam a progressão escolar dos jovens como a familiaridade com a cultura escrita ou os modos de investimento pedagógico (Lahire; 2004) estão muito associados ao “habitus” de classe. Mas não existe em cada pessoa um único princípio gerador de disposições. A exposição a múltiplas formas de socialização permite que coexistam disposições diferentes e até contraditórias no mesmo indivíduo. Pode ser por isso que alguns jovens chegaram até ao ensino superior, mesmo contra as expectativas associadas ao seu meio de origem. Seria interessante conhecer melhor estes pais para perceber porque é que alguns valorizam mais a escola e têm estratégias de apoio ao percurso escolar dos filhos mais bem sucedidas.

O funcionamento do mercado de trabalho também não actua sempre da mesma maneira. Alguns sectores de actividade são mais regulados do que outros, os critérios de selectividade também não são sempre os mesmos, e a sua capacidade integradora também varia. A flexibilidade dos vínculos laborais não é um obstáculo à integração profissional por si. Se essa flexibilidade for sinónimo de oportunidades de mobilidade profissional e não estiver associada, como neste caso, a um contexto de elevado desemprego juvenil, pode tornar-se num mecanismo de ruptura das lógicas de reprodução social. Mas não foi isso que encontramos nesta pesquisa. Encontrámos pistas de uma relação entre falta de regulação de alguns sectores de actividade e desemprego e instabilidade de rendimentos. Se, pelos vários

mecanismos que descrevemos e que são visíveis nos relatos acerca das formas de acesso a uma actividade profissional, os filhos dos residentes no bairro têm mais dificuldades em obter rendimentos estáveis do que os seus homólogos a nível nacional, então têm mais probabilidade de se manter numa condição social inferior.

Por outro lado, há casos em que o mercado de trabalho pode constituir uma oportunidade de mobilidade. Vimos isso no caso do Armindo e mesmo do Óscar, apesar de desempregado. Se existe uma grande probabilidade de se ficar sem emprego, as respostas do sistema de *welfare* são também factores condicionantes dos percursos. Com a elevada taxa de desemprego do bairro e, sobretudo entre os jovens, ter ou não ter direito ao subsídio de desemprego, por exemplo, é uma condicionante relevante. As oportunidades de formação, as suas condições de acesso e divulgação também são importantes.

Mas se a inserção profissional é, como explicámos na introdução, um domínio central onde se jogam dinâmicas de mobilidade e reprodução das desigualdades, também é verdade que essas dinâmicas começam a funcionar muito antes. Por esse motivo o papel do mercado de trabalho neste domínio não se joga apenas no acesso dos jovens às profissões. Já está em acção antes dos jovens aí chegarem, regulando as remunerações e os horários dos seus pais.

Analisando casos individuais como fizemos nesta pesquisa, seria expectável encontrar singularidades e particularidades dos microcosmos sociais em que se movimentam. Mas, e isto também era de esperar, encontramos igualmente dinâmicas sociais cujas origens se podem encontrar muito longe dos indivíduos considerados, mas cujos efeitos condicionam os seus percursos e medeiam as transições para a vida adulta.

## 9) Bibliografia

Abrantes, Pedro (2003), “Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 41, pp. 93-115.

Albarello, L., et.al, (1997), *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva.

Almeida, João Ferreira de e José Madureira Pinto (1976) *A Investigação nas Ciências Sociais*, Lisboa, Editorial Presença.

Almeida, João Ferreira de e José Madureira Pinto (1986), “Da Teoria à Investigação Empírica”, A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp. 55-78.

Bertaux, Daniel. (1997), *Les récits de vie*. Paris, Nathan.

Bourdieu, Pierre (2003 [1980]), “A “juventude” é só uma palavra”, *Questões de Sociologia*, Lisboa, Fim de Século, pp.151-162.

Brannen, Júlia, Suzan Lewis, Ann Nilsen e Janet Smithson (eds.) (2002), *Young Europeans, Work and Family, Features in transition*, Londres, Routledge.

Chisholm, Lynne (2006), “European Youth Research: Development, Debates, Demands”, *New Directions For Child And Adolescent Development*, nº113, Fall 2006

Costa, António Firmino da (1986), “A pesquisa de terreno em sociologia”, A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp. 129-148.

Costa, António Firmino da, Rosário Mauritti, Susana da Cruz Martins, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida (2000), "Classes Sociais na Europa", *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 34, pp. 9-45.

EGRIS (European Group for Integrated Social Research) (2001) “Misleading Trajectories - Transition Dilemmas of Young Adults in Europe”, *Journal of Youth Studies*, nº4(1), pp. 101-119.

Fernandes, Ana (2006) *Pertenças Identitárias de Jovens do Casal da Boba*, Tese de mestrado em Relações Interculturais, Lisboa, Universidade Aberta.

Ferreira, Vitor Sérgio, (coord.), Ana Matos Fernandes, Jorge Vieira, Pedro Puga, Susana Barrisco (2006), *A Condição Juvenil Portuguesa na Viragem do Milénio. Um Retrato Longitudinal através de Fontes Estatísticas Oficiais: 1990-2005*, Lisboa, Instituto Português da Juventude.

Galland, Olivier (2001) *Sociologie de la Jeunesse*, Paris, Armand Colin, 3ª edição.

Guerreiro, M. D. e Abrantes, P. (2004), *Transições Juvenis. Os Jovens Perante o Trabalho e a Família*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, Ministério das Actividades Económicas e do Trabalho, Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Guerreiro, Maria das Dores Guerreiro, M. D. e Pegado, E. Elsa Pegado (coord.) (2006), *Os Jovens e o Mercado de Trabalho. Caracterização, Estrangulamentos à Integração Efectiva na Vida Activa e a Eficácia das Políticas*, Lisboa: DGEEP/MTS.

Guerreiro, Maria das Dores Guerreiro, M. D. e Pedro Abrantes (2005), “Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 58, pp. 157-175.

Inquérito à População de Casal da Boba realizado no âmbito da avaliação de acompanhamento dos projectos Geração e Oportunidade, da responsabilidade de Fernando Luís Machado e Ana Raquel Matias. (2006) CIES/ISCTE.

Lahire, Bernard, (2003), *O Homem Plural*, Lisboa, Instituto Piaget.

Lahire, Bernard, (2004) *Retratos Sociológicos. Disposições e Variações Individuais*. Porto Alegre, Artmed.

Lahire, Bernard (2005), “Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº49, p11-42.

Machado, Fernando Luís (1994) “Luso-Africanos na margens em Portugal: nas margens da etnicidade”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº16, pp. 111-134.

Machado, Fernando Luís, Ana Raquel Matias e Sofia Leal (2005), “Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos dos imigrantes africanos”, *Análise Social*, 176, pp. 695-714.

Machado, Fernando Luís, Ana Raquel Matias (2006), “Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica”, *CIES e-Working Paper*, nº13, CIES-ISCTE.

Machado, Fernando Luís (2007), “Jovens como os outros? Processos e cenários de integração dos filhos de imigrantes africanos em Portugal”, António Vitorino (org.), *Imigração: Oportunidade ou Ameaça?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 169-197.

Machado, Fernando Luís (2008), “Filhos de imigrantes africanos no mercado de trabalho: acessos, perfis e trajectos”, *Migrações*, nº2, pp. 121-158.

Machado, Fernando Luís, Alexandre Silva (2009) *Projecto Geração, Relatório de Avaliação de Acompanhamento, 3º Ano (Janeiro a Dezembro de 2008)*, CIES-ISCTE

Nilsen, Ann (1998), “Jovens para Sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº27, pp. 59-78.

Pais, José Machado (1993), *Culturas Juvenis*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pais, José Machado (1998), “Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos dez anos?”, in Manuel Villaverde Cabral e José Machado Pais (coord.), *Jovens Portugueses de Hoje*, Oeiras, Celta Editora, pp. 189-214.

Pais, José Machado (2001), *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*, Porto, Âmbar.

Pais, José Machado (2003), “The multiple faces of the future in the labyrinth of life”, *Journal of Youth Studies*, 6 (2), pp. 115-126.

Portes, Alejandro (1999), *Migrações Internacionais, Origens, Tipos e Modos de Incorporação*, Oeiras, Celta Editora.

Portes, Alejandro (2000), “Capital Social: Origens e Aplicações na Sociologia Contemporânea”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 33, pp. 133-158

Rosenmayr, Leopold (1979), “Conceptual and Theoretical Foundations”, *Current Sociology*, 1979, n.º 27; pp.17-36.

Shanahan, Michael J. (2000), “Pathways To Adulthood In Changing Societies: Variability And Mechanisms In Life Course Perspective”, *Annual Review of Sociology*, n.º26, pp. 667-92.

Silva, Augusto Santos (1986), "A Ruptura com o Senso Comum nas Ciências Sociais", A. Santos Silva e J. Madureira Pinto (orgs.) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, pp. 29-53.

# ANEXOS

**Anexo A - Padrões de Transição para a Vida Adulta segundo Guerreiro e Abrantes (2005: 170)**

<b>Padrões de transição</b>	<b>Origem social</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Integração profissional</b>	<b>Modo de residência</b>	<b>Orientação</b>
Profissional	Diversificada	Elevada	Forte	Em casa dos pais	Trabalho
Lúdica	Classes médias/altas	Elevada/intermediária	Instável	Em casa dos pais	Lazer
Experimental	Classes médias/altas	Elevada	Regular/instável	Espaços transitórios	<i>Self</i>
Progressiva	Diversificada	Diversificada	Progressiva	Em casa dos pais	Futuro
Precoce	Classes desfavorecidas	Baixa	Instável	Em casa própria	Responsabilidade familiar
Precária	Classes desfavorecidas	Baixa	Instável	Em casa dos pais	Adaptativa
Desestruturante	Classes desfavorecidas	Baixa/intermediária	Periférica	Espaços transitórios	Sobrevivência

**Anexo B - Taxas de retenção nas escolas do Agrupamento Miguel Torga e em Portugal (Machado e Silva; 2009)**

**Taxas de retenção no 1º Ciclo do Ensino Básico**

	2º Ano	3º Ano	4º Ano	1º Ciclo
Portugal (2005/2006)	8,8	3,4	4,9	<b>4,4</b>
Continente (2006/2007)	7,5	3,2	4,5	<b>3,9</b>
Escolas EB1 do Agrupamento Miguel Torga (2004/2005)	20,4	14,3	7,2	<b>14,3</b>
Escolas EB1 do Agrupamento Miguel Torga (2005/2006)	17,4	9,8	15,1	<b>14,1</b>
Escolas EB1 do Agrupamento Miguel Torga (2006/2007)	16,5	10,5	15,5	<b>14,2</b>
Escolas EB1 do Agrupamento Miguel Torga (2007/2008)	8,9	8,4	7,3	<b>7,1</b>
Escola EB1 do Casal da Boba (2004/2005)	35,8	40,0	16,2	<b>32,1</b>
Escola EB1 do Casal da Boba (2005/2006)	25,8	6,0	18,4	<b>17,3</b>
Escola EB1 do Casal da Boba (2006/2007)	22,0	13,5	18,8	<b>18,8</b>
Escola EB1 do Casal da Boba (2007/2008)	12,7	13,6	11,1	<b>12,5</b>

Fonte: GEPE, Ministério da Educação e Agrupamento Miguel Torga  
As taxas de retenção em Portugal incluem retenções e desistências

**Taxas de retenção nos 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico**

	5º Ano	6º Ano	2º Ciclo	7º Ano	8º Ano	9º Ano	3º Ciclo
Portugal (2002/2003)	14,8	14,4	<b>14,6</b>	24,3	16,8	14,9	<b>18,9</b>
Portugal (2004/2005)	13,3	12,7	<b>13,0</b>	22,3	16,1	20,3	<b>19,7</b>
Portugal (2005/2006)	11,1	10,4	<b>10,7</b>	21,2	15	21,1	<b>19,2</b>
Continente (2006/2007)	10,0	10,5	<b>10,3</b>	20,6	14,1	20,2	<b>18,4</b>
EB2,3 Miguel Torga (2002/2003)	24,0	23,0	<b>23,5</b>	47,0	17,0	9,0	<b>24,3</b>
EB2,3 Miguel Torga (2005/2006)	21,0	7,0	<b>14,7</b>	18,0	31,0	16,0	<b>21,8</b>
EB2,3 Miguel Torga (2006/2007)	20,0	17,7	<b>18,9</b>	30,0	26,1	14,4	<b>25,2</b>
EB2,3 Miguel Torga (2007/2008)	20,7	8,9	<b>14,8</b>	28,7	10,4	7,1	<b>15,4</b>

Fonte: GEPE, Ministério da Educação e Agrupamento Miguel Torga  
As taxas de retenção em Portugal incluem retenções e desistências



### Anexo C - Grelha de caracterização dos entrevistados (Machado e Silva, 2008)

nome	Sexo	Idade	Origem	Naturalidade	Nacionalidade	Condição perante o trabalho	Nível de escolaridade completo	Idade e escolaridade completa à primeira saída da escola	Idade de início de actividade profissional
Ana	M	23	Africana	Lisboa	Portuguesa	Desempregada	5º Ano (frequentar curso de equivalência ao 9º ano)	14 anos, 5º	15
Andreia	M	27	Africana	Amadora	Portuguesa	Trabalha	9º Ano	14 anos, 6º	15
Aníbal	H	30	Africana	Lisboa	Portuguesa	Desempregado	9º Ano	14 anos, 9º	15
Armindo	H	26	Africana	Lisboa	Portuguesa	Trabalha	11º Ano (a tirar curso de equivalência ao 12º ano)	18 anos, 11º	17
Bernardo	H	22	Africana	Lisboa	Portuguesa	Trabalha e estuda	12º (a candidatar-se ao ensino superior)	19 anos, 11º	16
Catarina	M	18	Portuguesa	Lisboa	Portuguesa	Desempregada	9º Ano	13 anos, 6º	13
Cláudia	M	16	Africana	Lisboa	Portuguesa	Estudante	Frequenta o 10º ano	Ainda estuda	Nunca trabalhou
Cristiano	H	20	Africana	Lisboa	Portuguesa	Estudante	Frequenta o 11º ano	Ainda estuda	Nunca trabalhou
Cristina	M	20	Africana	Lisboa	Cabo-verdiana	Desempregada	9º Ano	13 anos, 6º	16
Daniela	M	20	Africana	Lisboa	Portuguesa	Trabalha informalmente	12º Ano	19 anos, 12º	20
Hilário	H	22	Africana	Senegal	Senegalesa	Desempregado	9º Ano	17 anos, 9º	17
João	H	19	Portuguesa	Lisboa	Portuguesa	Desempregado	5º Ano	16 anos, 5º	17
Luisa	M	16	Portuguesa e africana	Lisboa	Portuguesa	Desempregada	4º Ano	13 anos, 4º	14
Neusa	M	28	Africana	Cabo Verde	Portuguesa	Trabalha	12º Ano	20 anos, 12º	19
Olga	M	30	Africana	Lisboa	Portuguesa	Estudante	Frequenta 1º ano do ensino superior	15 anos, 9º	13
Óscar	H	28	Africana	Lisboa	Portuguesa	Desempregado	9º Ano (a tirar curso de equivalência ao 12º ano)	13 anos, 6º	14
Pedro	H	24	Africana	Lagos	Portuguesa	Desempregado	9º Ano (a tirar curso de equivalência ao 12º ano)	15 anos, 7º	21
Raul	H	18	Africana	Lisboa	Portuguesa	A frequentar um estágio	7º Ano	18 anos, 7º	16
Ricardo	H	24	Africana	Lisboa	Portuguesa	Desempregado	9º Ano	14 anos, 6º	15
Sofia	M	28	Africana	Lisboa	Portuguesa	Trabalha e estuda	Frequenta 1º ano ensino superior	20 anos, 12º	22

# Curriculum Vitae

## INFORMAÇÃO PESSOAL

Nome	<b>SILVA, Alexandre Manuel Roque Vianna e</b>
Morada	Rua Tomás da Anunciação 64 1ºB 1350-330 Lisboa
Telefone	967 632 228
Correio electrónico	alexroq@gmail.com
Nacionalidade	Portuguesa
Data de nascimento	25.06.1979

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Datas Janeiro de 2007 até ao presente
- Nome e endereço do empregador Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE-IUL
- Tipo de empresa ou sector Centro de Investigação
- Função ou cargo ocupado Investigador
- Principais actividades e responsabilidades Avaliação de acompanhamento do Projecto “Geração”, uma intervenção que visa a promoção social dos jovens de Casal da Boba, envolvendo recolha e tratamento de dados e produção de relatórios.  
Investigação sobre os percursos de transição para a vida adulta dos jovens de Casal da Boba, que implicou a realização e análise de entrevistas e produção de um relatório.  
Assistência no Gabinete de Comunicação e Planeamento do CIES, envolvendo várias tarefas administrativas.
- Datas Junho de 2006 até ao presente
- Nome e endereço do empregador Cidater, Cooperativa de Ensino e Cultura, Crl.
- Tipo de empresa ou sector Cooperativa de Ensino
- Função ou cargo ocupado Técnico de avaliação
- Principais actividades e responsabilidades Avaliação de projectos de intervenção social, recolha e tratamento de dados, produção de relatórios de avaliação, dinamização de sessões de devolução de resultados.
- Datas Outubro de 2004 até Junho de 2006
- Nome e endereço do empregador Hewlett-Packard Portugal
- Tipo de empresa ou sector Tecnologias de informação
- Função ou cargo ocupado Operador de Transaction Center
- Principais actividades e responsabilidades Acompanhamento, encaminhamento e facturação de processos de reparação de equipamentos microinformáticos; contactos com vários departamentos, empresas parceiras e clientes.
- Datas Novembro de 2003 até Janeiro de 2004
- Nome e endereço do empregador Empregado por conta própria
- Tipo de empresa ou sector Empregado por conta própria
- Função ou cargo ocupado Colaborador
- Principais actividades e responsabilidades Colaboração na realização de um relatório para a AERLIS no âmbito do Programa EQUAL sobre igualdade de oportunidades nas empresas do Concelho de Vila Franca de Xira envolvendo tratamento estatístico em SPSS de uma base de dados das empresas do concelho.
- Datas Março de 2003 até Agosto de 2003
- Nome e endereço do empregador Instituto de Emprego e Formação Profissional
- Tipo de empresa ou sector Instituto Público
- Função ou cargo ocupado Estagiário
- Principais actividades e responsabilidades Concepção e realização de uma proposta de avaliação do Programa de Formação a Imigrantes “Portugal Acolhe” que serviu de suporte empírico para a tese de dissertação de Licenciatura.
- Datas Abril de 2002 e Novembro de 2002

- Nome e endereço do empregador
  - Tipo de empresa ou sector
  - Função ou cargo ocupado
    - Principais actividades e responsabilidades
- Datas
- Nome e endereço do empregador
  - Tipo de empresa ou sector
  - Função ou cargo ocupado
    - Principais actividades e responsabilidades
- Datas
- Nome e endereço do empregador
  - Tipo de empresa ou sector
  - Função ou cargo ocupado
    - Principais actividades e responsabilidades
- Datas
- Nome e endereço do empregador
  - Tipo de empresa ou sector
  - Função ou cargo ocupado
    - Principais actividades e responsabilidades
- Datas

### FORMAÇÃO ACADÉMICA E PROFISSIONAL

- Datas
- Nome e tipo da organização de ensino ou formação
- Principais disciplinas/competências profissionais
  - Designação da qualificação atribuída
- Classificação obtida (se aplicável)

### APTIDÕES E COMPETÊNCIAS PESSOAIS

PRIMEIRA LÍNGUA

Português

OUTRAS LÍNGUAS

Auto-avaliação

Nível europeu (\*)

Inglês

Francês

Espanhol

Compreensão				Conversaão				Escrita	
Compreensão oral		Leitura		Interacção oral		Produção oral			
C1	Utilizador experiente	C2	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente	C1	Utilizador experiente
B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	A1	Utilizador elementar	A2	Utilizador elementar	A2	Utilizador elementar
B1	Utilizador independente	B2	Utilizador independente	A1	Utilizador elementar	A2	Utilizador elementar	A2	Utilizador elementar

*(\*) Nível do Quadro Europeu Comum de Referência (CECR)*

APTIDÕES E COMPETÊNCIAS  
INFORMÁTICAS

Boa capacidade de aprendizagem e adaptação a novos programas e aplicações.  
Conhecimentos médios de Microsoft Windows e Office (Word, Excel, Powerpoint, Outlook e Access) obtidos em contexto académico, laboral e outros.  
Domínio satisfatório do software de estatística SPSS obtido em contexto académico e laboral.  
Domínio satisfatório do software de análise estratégica de actores MACTOR obtido obtido em contexto académico.

CARTA(S) DE CONDUÇÃO

Carta de condução de categoria B